

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

JULIA HELENA DIAS

**AS MULHERES E A ESCRITA DO TEMPO EM *UM TETO TODO SEU*, DE
VIRGINIA WOOLF**

**PORTO ALEGRE
2017**

JULIA HELENA DIAS

**AS MULHERES E A ESCRITA DO TEMPO EM *UM TETO TODO SEU*, DE
VIRGINIA WOOLF**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciada em
História, pelo curso de Graduação em
História da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul. Área de concentração:
Teoria da História e Historiografia.

Orientador: Fernando Felizardo Nicolazzi

Porto Alegre
2017

JULIA HELENA DIAS

**AS MULHERES E A ESCRITA DO TEMPO EM *UM TETO TODO SEU*, DE
VIRGINIA WOOLF**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciada em
História, pelo curso de Graduação em
História da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul. Área de concentração:
Teoria da História e Historiografia.

Aprovada em: 20 de fevereiro de 2017.

BANCA EXAMINADORA:

Arthur Lima de Ávila
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Camila Albani Petró
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

A todas as vozes que foram feitas anônimas na história...

AGRADECIMENTOS

Este trabalho encerra uma trajetória que só foi possível devido ao incentivo e apoio constante de minha mãe. Obrigada pela confiança e pela paciência, dona Maria Antonieta! Ele também não teria sido possível sem a amizade de pessoas que estiveram o tempo todo ao meu lado ouvindo minhas ideias, minhas dúvidas, criticando e incentivando entre um vinho e uma massa a cada encontro. Obrigada: Aline, Bruna, Camila, Daisy e Mauren!

Agradeço ao Professor Fernando Nicolazzi por ter acreditado neste trabalho e por ter me ajudado a ir definindo o que ele seria e o que não seria também. Desde meu primeiro semestre na História suas observações e questionamentos têm me ajudado a pensar sobre o que é a história e o que ela não pode ser. Ainda assim, quaisquer possíveis incorreções são de minha responsabilidade.

Agradeço também aos professores e professoras do curso de História e da Faculdade de Educação, assim como, aos colegas do Pibid – História/UFRGS que ao longo do curso, contribuíram de várias maneiras para que eu reafirmasse meu desejo de seguir a profissão de professora de história.

Em períodos como o que enfrentamos, é necessário que a educação seja um lugar de reflexão e resistência. Seguirei pensando nos silêncios diários produzidos pela história, e, como neste trabalho, problematizando nossas escolhas de quem e do que lembrar.

a mulher é uma construção

a mulher é uma construção
deve ser

a mulher basicamente é pra ser
um conjunto habitacional
tudo igual
tudo rebocado
só muda a cor

particularmente sou uma mulher
de tijolos à vista
nas reuniões sociais tendo a ser
a mais mal vestida

digo que sou jornalista

(a mulher é uma construção
com buracos demais

vaza

a revista nova é o ministério
dos assuntos cloacais
perdão
não se fala em merda na revista nova)

você é mulher
e se de repente acorda binária e azul
e passa o dia ligando e desligando a luz?
(você gosta de ser brasileira?
de se chamar virginia woolf?)

a mulher é uma construção
maquiagem é camuflagem

toda mulher tem um amigo gay
como é bom ter amigos

todos os amigos têm um amigo gay
que tem uma mulher
que o chama de fred astaire

neste ponto, já é tarde

as psicólogas do café freud
se olham e sorriem

nada vai mudar –

nada nunca vai mudar –

a mulher é uma construção

Angélica Freitas

RESUMO

Neste trabalho, faço uma análise do ensaio *Um Teto todo Seu* (1929), de Virginia Woolf, buscando compreender a sua proposta de um papel prático para a história na vida das mulheres de seu presente. Penso que esta proposta de Woolf aproxima-se da categoria “passado prático” de Hayden White. Para problematizar as observações de Woolf sobre a identidade feminina utilizo a categoria de gênero de Joan Scott. Woolf ao partir da questão “as mulheres e a ficção”, ou como podemos interpretar as condições de possibilidade que as mulheres tiveram de escrever ou não, usando da história para demonstrar essas condições, encontra o apagamento das experiências das mulheres no passado. Como resposta, ela propõe uma interferência das próprias mulheres neste silenciamento. Ao sugerir que elas reescrevem a história, que elas pesquisem e contem sobre a vida das mulheres no passado. Para assim construir um modelo, uma tradição, uma história das mulheres no passado e que as levasse a compreender as opressões a que as mulheres estiveram sujeitas, em busca de possibilitar que o futuro fosse diferente. Relaciono estas análises e propostas de Woolf com as categorias de Koselleck, pois, ela fala de um “espaço de experiência”, projetando um “horizonte de expectativas”, horizonte esse em que as mulheres escreveriam poesia.

Palavras-chave: Virginia Woolf, História das Mulheres, passado prático.

ABSTRACT

In this study, I make an analysis of the essay “A Room of One’s Own” (1929) by Virginia Woolf. Then, I seek to comprehend her proposal of a practical role for history in women’s life in her time. My perception is that Woolf’s proposal has an approximation with the “practical past” category formulated by Hayden White. In order to problematize Woolf’s observations about female identity, I use the gender category of Joan Scott. Woolf by starting from the issue “women and fiction” or by how we can interpret the conditions of possibility women had to write or not, using history to demonstrate these conditions, finds the deletion of women experiences in the past. As an answer, she proposes an interference by women themselves in this silencing, when Woolf suggests women to rewrite history, search and tell about women’s life in the past. Then, to create a model, a tradition, a history of women in the past that could make them comprehend the oppressions to which they were subjected, could enable a different future. I connect this analysis and these proposals of Woolf with the categories of Koselleck, as she arguments about “space of experience” projecting a “horizon of expectations”, a horizon where women could write poetry.

Keywords: Virginia Woolf, Women History, practical past.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	10
Capítulo 1: A ensaísta Virginia Woolf	20
1.1 Woolf: o gênero e o ensaio	20
1.2 O diário como um ensaio de escrita	28
Capítulo 2. Woolf e a história.....	34
2.1 Virginia Woolf na história	34
2.2 Virginia Woolf sobre a história.....	41
Considerações Finais.....	68
REFERÊNCIAS.....	69

INTRODUÇÃO

Virginia Woolf (1882-1941), escritora inglesa reconhecida pela sua contribuição através de seus romances para o modernismo literário do século 20, foi também uma ensaísta, contista e crítica literária, facetas menos reconhecidas de seu trabalho.

Como autora integrante desse movimento artístico mais amplo que ajudou a construir as características do que entendemos como arte moderna, Woolf foi muito prestigiada pelas suas criações literárias. A literatura inglesa do início do século 20, segundo Terry Eagleton, tinha como característica uma relação “distante” da realidade, uma busca da “arte” pela “arte”. Dessa forma: “toda a razão de ser da escrita ‘criativa’ era a sua gloriosa inutilidade, um ‘fim em si mesmo’, altaneiramente distante de qualquer propósito social sórdido” (EGLEATON, 2006, p.31).

Contudo, podemos vislumbrar que as pretensões de escrita de Virginia Woolf ultrapassavam esse entendimento de literatura, inclusive por necessidade de subsistência, já que desde o início de sua carreira ela dedicou-se a escrita de ensaios e críticas literárias para periódicos. Assim, nestes gêneros discursivos sua escrita foi tomada deliberadamente pela temática social, preocupando-se com questões da vida em sociedade de sua época. Observo que entre a definição do que se entendia por literatura e o que os autores praticavam também há diferenças. Em seus contos, Virginia Woolf também marca o contexto em que escreve e traz os temas da guerra, da opressão feminina, do peso da tradição, e da história:

Dentre as várias formas de feminismo – liberal, marxista, socialista, anarquista – Black (2004) identifica o feminismo de Woolf como o feminismo social, baseado nas diferenças, que provém da experiência e das características distintas femininas. O objetivo é mais do que a igualdade ou o tratamento igualitário, Woolf pertence ao feminismo social devido à sua valorização por uma civilização feminina, visando à transformação política e social (OLIVEIRA, 2012, p.208).

O objetivo deste trabalho é a análise de seus ensaios, e dentro deste recorte é necessário que se faça mais um, pois, Virginia Woolf escreveu mais de 500 ensaios. Por esta razão, e dentro da questão que me interessa problematizar neste trabalho, analiso os escritos em que ela trata das condições das mulheres de sua época, do passado e suas projeções para o futuro. Deixando, assim, perceptível a sua preocupação com o tempo e seu entendimento a respeito da sociedade, através do conhecimento histórico.

Os ensaios escolhidos têm por vezes outros temas, mas entendo que eles ajudam na compreensão que Virginia Woolf tinha da história e da escrita. É necessário, por exemplo, vermos sua relação com seu pai, que ela descreve no ensaio *Memórias de uma filha: Leslie Stephen, o filósofo em casa* (1932), pois, nele, entendemos a formação intelectual da escritora, visto que, como a maioria das mulheres de sua época, a autora não teve acesso a uma educação formal. Outros ensaios que farão parte da análise são: *A posição intelectual das mulheres* (1920); *Montaigne* (1924); *Duas mulheres* (1927); *Profissão para mulheres* (1931); *Memórias de uma união das trabalhadoras* (1931); e, principalmente, *Um Teto Todo Seu*, (1929). Este último será analisado de forma mais detalhada, pois, como pretendo argumentar, é neste ensaio que Virginia Woolf traz de forma mais central a questão da história e do papel das mulheres na sua escrita.

Para que prossigamos são necessários alguns apontamentos. O primeiro é como entendo a categoria “mulher”. Os estudos de gênero como caracterizados por Joan Scott (1990), buscam entender as categorias “homem” e “mulher”. Para tanto, as categorias não são pensadas a partir de uma determinação apenas biológica e de caráter essencialista, mas através da relação de poder que estabelece papéis sociais para homens e mulheres ao longo do tempo e de forma sempre relacional. Dessa forma, dentro das relações sociais, sempre em disputa de poderes, as mulheres são classificadas em oposição aos homens, elas não são o que eles são. Por isso, os estudos de gênero contribuem para a compreensão da manutenção da lógica patriarcal nas sociedades capitalistas. Ele possibilita caracterizar as imposições, as limitações e os lugares sociais reservados às mulheres, e as estratégias das mulheres de resistir e romper com essas opressões:

(1) O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significados às relações de poder. [...] Para os/as historiadores/as, a questão importante é: que representações simbólicas são invocadas, como, e em quais contextos? [...] A posição que emerge como posição dominante é, contudo, declarada a única possível. A história posterior é escrita como se essas posições normativas fossem o produto do consenso social e não do conflito (SCOTT, 1990, p.86-87).

Ou seja, os “papéis” assumidos por “homens” e “mulheres” variam no tempo e nas sociedades. Contudo, em uma sociedade capitalista estruturada a partir de uma lógica patriarcal, ser mulher tem sido associado com a vivência da opressão e da

submissão aos homens. Assim, o gênero faz parte da hierarquia social tanto quanto a classe e a raça.

Reconhecendo a especificidade histórica do que é ser mulher, proponho analisar o que, para Virginia Woolf, significa ser mulher e estar do lado de fora da narrativa histórica oficial, escrita por sujeitos que se legitimavam como detentores da verdade histórica, através do desenvolvimento das práticas historiográficas “científicas”. Desse modo, torna-se importante reconhecer as limitações do entendimento de Virginia Woolf, pois, ela não fala por todas as mulheres, embora trate da condição feminina. É preciso que levemos em conta sua raça, classe e geografia. Portanto, analiso as críticas de uma mulher branca, de classe média e ocidental. Inclusive, essas características nos ajudarão a entender também as limitações de suas proposições.

Outro apontamento inicial que será retomado ao longo do trabalho e que inscreve a perspectiva aqui analisada da história é a definição de “história das mulheres”, que referencio recorrendo mais uma vez, a Joan Scott. A história das mulheres como campo de estudos tem o seu início na década de 1960 e se torna parte de um movimento nos anos 1970. Joan Scott estabelece o termo “movimento”:

[...] para distinguir dos esforços anteriormente disseminados por alguns indivíduos para escrever no passado sobre as mulheres, para sugerir algo da qualidade dinâmica envolvida nos intercâmbios no nível nacional e nos interdisciplinares pelos historiadores das mulheres, e ainda, para evocar as associações com a política. (SCOTT, 1992, p.66)

Porém, a própria autora reconhece a necessidade de se pensar a história das mulheres fora de uma cronologia que só dê conta dos estudos que se encaixem em uma mesma perspectiva teórica e/ou política. Para ela é também necessário um relato, não necessariamente linear, mas complexo e que leve em conta as posições variáveis das mulheres tanto politicamente quanto na história. Através do estudo de *Um Teto Todo Seu* penso ser possível contribuir para uma ampliação na representação do passado das mulheres.

Ao interpretar o ensaio através de um viés histórico, creio encontrar dois movimentos temporais. Em primeiro lugar um diagnóstico feito pela escritora ao propor explicações para as condições de vida intelectual das mulheres de seu tempo, e também um prognóstico, ao propor maneiras de reverter o quadro pouco favorável às mulheres.

Joan Scott ao tratar do tema da história das mulheres reconhece no ensaio de Virginia Woolf, *Um Teto Todo Seu*, um questionamento sobre o problema das mulheres na história:

Em *A Room of One's Own*, Woolf abordou a questão da história das mulheres, como muitos de seus contemporâneos fizeram no período que se seguiu à concessão do direito de voto às mulheres na Inglaterra e nos Estados Unidos. Ela divaga sobre as inadequações da história existente, uma história que necessita ser reescrita, diz ela, porque “frequentemente parece um pouco estranho, como se fosse irreal, desequilibrado”, ou seja, carente, insuficiente, incompleto. Aparentemente se afastando da reescrita da história, ela apresenta como alternativa o que parece ser outra solução: “Por que [...] não acrescentar um suplemento à história? Chamando-o é claro, por algum nome discreto, de forma que as mulheres pudessem ali aparecer sem impropriedade?” A invocação de Woolf de um suplemento parece apresentar um compromisso, mas não o é. O delicado sarcasmo de seus comentários sobre um “nome discreto” e a necessidade de propriedade sugere um projeto complicado (ela o chama de “ambicioso, além da minha coragem”), que mesmo quando ela tenta circunscrever as dificuldades, evoca implicações contraditórias. As mulheres estão ao mesmo tempo adicionadas à história e provocam a sua reescrita; elas proporcionam algo extra e são necessárias à complementação, são supérfluas e indispensáveis. (SCOTT, 1992, p.77-78)

Busco, contudo, ir além da afirmativa de que Virginia Woolf escreveu sobre a necessidade de uma história das mulheres e para as mulheres. Ao citar que Woolf usou a expressão “além da minha coragem”, Scott propõe que a escritora sugeriu este projeto, mas não teve ideias concretas sobre como colocá-lo em prática. Não concordo com tal inferência; procuro analisar o que era a história para Virginia Woolf para assim entender quais papéis ela atribuía para as mulheres na história e na sua escrita. Acredito que seu pensamento é complexo o suficientemente para, ao menos, esboçar uma idealização do que seria uma história das mulheres. Ou seja, defendo que ela não propõe apenas a necessidade de uma reescrita da história, mas faz sugestões de como deveria ser praticada essa reescrita.

Ao propor uma análise que vê um diagnóstico e um prognóstico no ensaio, defino ambos como movimentos de perceber e experimentar o tempo. O diagnóstico como o espaço de experiência, a maneira como Virginia Woolf caracterizou o seu presente e quais continuidades com o passado ela pode estipular, e o prognóstico como um horizonte de expectativas, projeções que ela cria como forma de revolucionar a condição das mulheres na sociedade. Ambas as categorias são definidas por Reinhart Koselleck como essenciais para entendermos o tempo histórico a partir da modernidade: “Manifestamente, as categorias ‘experiência’ e ‘expectativa’ pretendem um grau de

generalidade mais elevado, dificilmente superável, mas seu uso é absolutamente necessário. Como categorias históricas, elas equivalem às de espaço e tempo”. (KOSSLECK, 2006, p.307)

Desse modo, ao propor um prognóstico em que as mulheres participariam da história, Woolf entra na “batalha” por representação:

Desde a Revolução Francesa, essa batalha se intensificou e sua estrutura se modificou: os conceitos não servem mais para apreender os fatos de tal ou tal maneira, eles apontam para o futuro. Privilégios políticos ainda por serem conquistados foram formulados primeiro na linguagem, justamente para que pudessem ser conquistados e para que fosse possível denominá-los. (KOSELLECK, 2006, p.102)

Ao propor essa análise, levo em conta também o fato de que seu pensamento crítico e propositivo como ensaísta não teve o mesmo reconhecimento e prestígio que seus romances usufruíram durante a sua vida:

Ela, enquanto crítica, foi excluída por seus contemporâneos, como colocam Rosenberg e Dubino, que também lamentam que esta rejeição continue nas “histórias mais recentes da crítica literária”. Felizmente esse descartar injusto começou a ser desfeito e, a partir dos anos 70, os ensaios de Woolf começaram a ser reavaliados, seguindo o impulso feminista da década. (BRANDÃO, 1999, p.230)

A obra ensaística de Virginia Woolf foi revisitada na década de 1970, como parte dos estudos feministas, que passaram a reconhecer suas ideias sobre as mulheres e a sociedade. Falta, contudo, uma análise para entender os motivos de um “silêncio” do seu trabalho crítico por tanto tempo. Talvez a própria Woolf tenha pistas sobre essa questão. Victoria Ocampo, primeira tradutora dos diários de Woolf para o espanhol, cita a percepção de Woolf sobre como a sua obra seria recebida: “Em seu Diário, Virginia anota na véspera de lançar *Um Teto Todo Seu*: não o levarão a sério. Dirão: ‘A senhora Woolf é uma escritora que tudo que escreve é muito agradável de ler’ (OCAMPO, 1954, p. 36).

O fato de que Woolf percebia a forte possibilidade de que seu ensaio não fosse levado a “sério”, possivelmente, faz parte da interdição que as mulheres vinham sofrendo na participação da criação do discurso histórico. Para entendermos este processo é preciso que retomemos a profissionalização da escrita da história e a prática historiográfica “amadora”.

A historiografia profissional, baseada na sociedade patriarcal, se constituiu como um campo de saber no século 19, e a partir de um discurso cientificista buscou legitimar-se através da ideia de um discurso objetivo e universal. Contudo, a crítica feminista veio apontar a construção desse sujeito universal histórico como uma representação unicamente do homem ocidental. Ele foi o modelo para o sujeito dessa história “universal”. Assim, Bonnie Smith retoma o processo de profissionalização da escrita da história como o processo de masculinização do discurso histórico:

“Cientistas” históricos estabeleciam polaridades entre profissionalismo e amadorismo, entre história política e ninharias culturais, entre o espírito e o corpo – polaridades em que o último termo era sempre inferior ao anterior. Foi no diálogo com a visão amadora mais popular – isto é, com a feminilidade, a vida cotidiana e sua concomitante superficialidade – que a ciência histórica tomou forma como uma questão de importância nacional, como verdade universal sem gênero e, ao mesmo tempo, como uma disciplina sobretudo para homens. (SMITH, 2003, p.30-31)

Portanto, a história escrita com metodologia científica foi estabelecida como a única história possível e os textos escritos segundo outras possibilidades de discurso foram definidos como amadores. Segundo Smith, muitas mulheres escreveram essas histórias “amadoras” no século 19 e meados dos 20, mas que não foram consideradas pela história da historiografia:

As mulheres escreviam sem parar e ao mesmo tempo administravam o nascimento dos filhos, as famílias e a catástrofe política, além de regatear condições com os editores; elas representavam a história em *tableaux vivants*, traziam à luz uma variedade ímpar de documentos, coleções e informações, tentando fazer esse material vibrar em livros de viagens e romances históricos. Os profissionais ao contrário, direcionavam o foco para treinamentos e seminários e consideravam-se pesquisadores de arquivos que interagiam com documentos autênticos, ainda que empoeirados. Eles também praticavam a história mais privadamente em casa, arregimentando mães, esposas, filhos, cunhadas, primas e outros parentes do sexo feminino para o trabalho de pesquisa, arquivamento, editoração e até mesmo da própria escrita. Todos os créditos iam para o autor homem. Esse trabalho do profissional masculino como o mais verossímil narrador do passado e a concomitante omissão das contribuições de suas parentes e das amadoras, são um outro aspecto da determinação do gênero da ciência histórica. (SMITH, 2003, p.31-32)

Bonnie Smith ao distinguir “história profissional” e “história amadora”, demonstra como a escrita da história foi marcada pelo gênero. Entende, assim, que a história profissional foi uma forma de recusar o “feminino” da escrita sobre o passado e relegar as mulheres que escreveram sobre a história ao amadorismo:

o que nos tem impedido de considerar a obra de mulheres amadoras e seu relacionamento com o desenvolvimento da feminilidade intelectual e política é uma historiografia que erradica o amadorismo para contar uma história singular sobre as altas realizações do profissionalismo. (SMITH, 2003, p.29)

Rotuladas de amadoras, essas mulheres que escreveram sobre o passado foram apagadas da história da escrita da história, da historiografia oficial, “científica”. Segundo Smith seus textos são plurais, difíceis de definição, exatamente pela falta de um rigor normativo, mas em sua maioria elas não se colocam como mulheres que reivindicam um espaço na história.

Focando o ocidente também, muitas das autoras citadas por Bonnie Smith eram inglesas, inclusive contemporâneas de Virginia Woolf. Portanto, penso ser possível incluímos Woolf dentro dessa cultura de escrita sobre o passado de uma perspectiva feminina. Contudo, Woolf não pensava em si mesma como uma historiadora. Diferentemente de Bonnie Smith que classifica muitas dessas autoras hoje como historiadoras não acho necessário buscar intitulá-la dessa forma. Mas, é necessário reconhecer que o que ela escreveu é uma forma de discurso histórico, pois busca representar o passado. Contudo, contrariamente a maioria das amadoras, Woolf vai escrever sobre a história para criticá-la, e a partir da sua posição de mulher, de sujeito que não se vê representada no discurso sobre o passado.

Por isso, a dimensão do tempo é o fundamento da minha análise neste trabalho, já que, a partir das indagações de Woolf sobre o passado, ela mostra sua percepção do presente e suas expectativas para o futuro, que só seriam possíveis com um reconhecer-se no passado, como uma maneira de gerar mudanças de atitudes no presente. Dessa maneira, penso o tempo a partir da categoria “regimes de historicidade” de François Hartog para assim, interpretar as percepções de Woolf a partir dessa “estrutura do tempo”, e também para comparar, visto que considero possível que haja certo desencontro entre o entendimento de história dos acadêmicos de seu período e o dela:

Entendidos como uma expressão da experiência temporal, regimes não marcam meramente o tempo de forma neutra, mas antes organizam o passado com uma sequência de estruturas. Trata-se de um enquadramento acadêmico da experiência (Erfahrung) do tempo, que, em contrapartida, conforma nossos modos de discorrer acerca de e de vivenciar nosso próprio tempo. Abre a possibilidade de e também circunscreve um espaço para obrar e pensar. Dota de um ritmo a marca do tempo, e representa, como se o fosse, uma “ordem” do tempo, à qual pode-se subscrever ou, ao contrário, e o que ocorre na maioria das vezes, tentar evadir-se, buscando elaborar alguma alternativa. (HARTOG, 2013, p.12)

No início do século 20 os próprios historiadores profissionais já começavam a perceber uma crise nessa história moderna, um “historicismo”, que sufocava a experiência do presente. E que já havia sido duramente criticado por Nietzsche, décadas antes, em sua obra *Segunda Consideração Intempestiva*: da utilidade e desvantagem da história para a vida (1874):

Quase parece que a sua tarefa fosse vigiar a história da qual nada surge a não ser histórias, mas nenhum acontecimento, que a sua tarefa fosse impedir que a história torne qualquer personalidade “livre”, ou seja, que ela atue verdadeiramente contra si, contra os outros, e, em verdade, em palavras e ações (NIETZSCHE, 2003, p.44).

Contudo, veremos que Woolf não está em um lugar social (histórico) em que sinta essa onipresença da história, esse “fardo” como caracterizado por Hayden White, que usa o termo para caracterizar uma relação com a história em que se vivia diante de um presente sob o peso da tradição e da preservação do passado. Ela se sente de fora da história, percebe-a assim, em oposição à relação masculina com o passado, não como um excesso que limitaria as possibilidades de ação, mas como uma falta que inibiria as ações por falta de exemplos.

Para entendermos sobre qual historiografia profissional e qual entendimento de história Woolf critica ou se aproxima, é preciso uma análise da historiografia inglesa do século 19 e início dos 20, que, como veremos, se aproxima da historiografia alemã, seguindo também o processo de profissionalização da escrita da história e culminando num entendimento de história como um “singular coletivo”¹, mas apresenta também as suas próprias particularidades. Assim:

A historiografia inglesa do século XIX é marcada não apenas pela influência que recebe de Ranke e do historicismo alemão. A famosa historiografia whig – um tipo de historiografia presentista que se atém a uma perspectiva de ratificação e glorificação do presente como resultado de uma evolução linear dos eventos passados (BUTTERFIELD, 1931) – é outra influência. O período vitoriano, 1837-1902, é palco do desenvolvimento historiográfico, com trabalhos que discutiam a política e a cultura do país, com o discurso que cada vez mais se valorizava na Europa. (SILVA, 2013, p.38)

Ao problematizar a constituição do discurso histórico trago as contribuições do pensamento de Hayden White que vê neste discurso cientificista uma forma empobrecida de lidar com o passado. Justamente por ter perdido a sua dimensão retórica

¹Segundo Koselleck, “a História no coletivo singular definiu as condições para as possíveis Histórias individuais [...] Esse mundo da experiência tinha sua pretensão imanente de verdade”. (KOSELLECK, 2013, p.127)

que a aproximava da literatura, a história, em nome de uma objetividade, tornou-se um campo de estudo profissional, que não deveria buscar o poético, mas o verdadeiro:

Ao mesmo tempo, claro, os estudos históricos foram encontrando sua própria e nova ortodoxia e foram se transformando em curador oficial do passado, mas um passado diferente ao da memória, e da fantasia: o passado que passaria a se chamar “passado histórico”. (WHITE, 2012, p.36)

White contrapõe o passado construído por esse discurso profissional, o passado histórico, com um passado mais imaginativo, mais útil, um “passado prático”:

O que é o passado prático? O conceito provém de alguns dos últimos escritos do especialista em filosofia política Michael Oakeshott e se refere aquelas noções do passado que todos levamos conosco na vida diária e as quais recorremos, voluntariamente e como que nos ajudam a resolver todos os problemas práticos com os quais nos encontramos em nossa situação presente, desde questões pessoais até grandes problemas políticos. Esse é o passado da memória, do sonho e do desejo, assim como também da resolução de problemas práticos, das estratégias e das táticas para a vida, tanto pessoal como comunitária. (WHITE, 2012, p.25)

Podemos entender que a história, dita científica, acabou por estabelecer uma relação asséptica com o passado, ele era um objeto, sem relação com o presente, que deveria ser estudado em nome da busca pelo conhecimento e não para responder ou problematizar questões do presente. Daí a sua inutilidade. Porém, quando reconhecemos o olhar para o passado em nome do presente, quando entendemos que não alcançaremos uma verdade, mas possibilidades verossimilhantes de respostas, o discurso histórico pode se revitalizar².

Virginia Woolf, no início do século 20, reivindicando uma identidade como mulher (como sujeito, oprimida pelo patriarcado e silenciada pela história) faz a denúncia da falta de representatividade que o seu gênero sofreu nesse discurso da história profissional. Acredito que Woolf defendia a necessidade de um passado que agisse de forma prática na vida das mulheres, vindo numa reescrita da história a possibilidade de um passado como ponto de referência e de legitimidade no presente. Além de defender a reescrita, a própria autora age de forma a reescrever a história das

²Se pensarmos nas contribuições de Bonnie Smith, o passado “prático” de White não poderia ser uma volta ao amadorismo das mulheres?

mulheres buscando representar suas experiências no passado, principalmente, as experiências das mulheres que escreveram no passado.

O trabalho será feito a partir da leitura e da interpretação histórica dos ensaios mencionados em busca das observações, críticas e contribuições que Virginia Woolf fez para se pensar em uma história das mulheres, no lugar das mulheres na sociedade. Dessa maneira, através de um mapeamento das autoras citadas pela escritora, é possível estabelecer um esboço de uma história da literatura feminina inglesa. Além disso pela denúncia da falta das mulheres na história, é possível analisar o que seria para Woolf uma reescrita da história feita a partir de uma perspectiva das mulheres. A aproximação de Woolf com o tempo é, assim, histórica, pois ela parte de problemas, tais como: “como as mulheres escreveram?”, “Por que elas não escreveram tanto quanto os homens?”, “Como elas podem escrever hoje?”.

Também analisarei a obra *Diário de uma escritora* (1954), obra editada pelo marido de Virginia Woolf, Leonard Woolf, postumamente, em que foram selecionados trechos dos seus diários pessoais. Tal análise objetiva traçar comparações entre as ideias desenvolvidas nos ensaios com os “bastidores” da sua elaboração intelectual.

Além disso, pretendo levantar hipóteses a respeito de quais seriam as razões que levaram Woolf a pensar na história como um lugar legitimador para as mulheres na sociedade e acredito que sua experiência em seu próprio contexto histórico possa ajudar a elucidar essa relação.

Parto da hipótese de que Woolf ao vivenciar o contexto da Grande Guerra (1914-1918), assim como muitos dos artistas e intelectuais seus contemporâneos, passa a questionar a racionalidade. A racionalidade até então era alardeada como uma característica masculina e uma falta nas mulheres. Por Woolf, anteriormente, já ter escrito sobre o tema da opressão feminina, é possível que ela tenha passado a ver na história uma força política para justificar e manter os lugares de poder dos homens na sociedade. *Um Teto Todo Seu* (1929) seria então a elaboração dessas experiências e dessas percepções, a maturidade de seu pensamento sobre a história e sobre as mulheres na história.

Capítulo 1: A ensaísta Virginia Woolf

1.1 Woolf: o gênero e o ensaio

Ao propor uma análise dos ensaios de Virginia Woolf em busca da relação que ela estabelece entre a mulher, a história, a escrita e o tempo é necessário compreendermos o que era para as mulheres de seu tempo escrever ensaios. Para tanto, recuperaremos brevemente a história da escrita deste gênero, para que possamos perceber o seu caráter como um gênero de prestígio da escrita masculina.

No prefácio da edição brasileira da obra *Ensaístas Ingleses* v. 27 (1950), Lúcia Miguel-Pereira traça um apanhado do estabelecimento da escrita do ensaio, desde sua suposta origem com Michel de Montaigne, que publica em 1580 sua obra *Ensaaios*, até o que ela chama de “fecundo transplante”, quando autores ingleses passam a escrever, baseando-se em Montaigne, mas também recriando a forma e o conteúdo do ensaio.

A autora busca interpretar nas mudanças históricas vividas pelos europeus com o processo de colonização e “ampliação” de seu mundo conhecido e conquistado, o desenvolvimento de um gênero que busca tratar de dúvidas e que traz, sobretudo, as opiniões do autor, uma escrita relativista, que nem sempre busca o convencimento: “Tudo deveria ser reexaminado [...] Nada escaparia mais à percepção do homem, que se sentia afinal a medida de todas as coisas, senhor de si e do mundo” (PEREIRA, 1950, p.6).

Com esta descrição do “espírito” do ensaísta podemos constatar que os autores do gênero deviam ser homens, visto que, as mulheres do século 16 (e ainda as do início do século 20) não poderiam ter essa relação com o mundo, já que não tinham autoridade nem mesmo sobre as suas vidas. Portanto, na tradição do ensaio que Lúcia Miguel-Pereira descreve, em seu Prefácio, não surpreende constatar que esta só traz autores homens para o gênero na Inglaterra do século 16 ao início do 20. Ela inicia por Francis Bacon, que teria lido Montaigne e transportado o gênero para o solo inglês: “Seguindo-se a Bacon, numerosíssimos foram os escritores britânicos que assumiram posição de ensaístas” (PEREIRA, 1950, p. 8).

Trazendo o aspecto mais informal “cujo tom de conversa constituiu” (PEREIRA, 1950, p. 8), Miguel - Pereira cita Abraham Cowley com sua obra *Essays in Verse and Prose*, como o autor que melhor adotou o espírito de Montaigne: “impregnou-se do tom

confidencial de Montaigne” (PEREIRA, 1950, p.9), e que por isso, representaria um modelo para os ensaístas ingleses.

Outra característica importante do ensaio moderno, sua forma de veiculação em periódicos, teria como origem a própria Inglaterra:

Com Richard Steele e Joseph Addison surge pela primeira vez em Londres, e, salvo, engano, no mundo, o ensaio destinado à imprensa. Em 1709 aparecia na capital inglesa o periódico *The Tatler*, que circulou até princípios de 1711, sendo então substituído por *The Spectator*, de vida ainda mais curta, pois não chegou a durar um ano. Os redatores de ambos, Steele e Addison, pretendiam “vivificar a moral pelo espírito (empregada a palavra no sentido de aliança entre o chiste e a inteligência) e temperar o espírito pela moral. (PEREIRA, 1950, p.9-10)

Miguel-Pereira argumenta que a circulação dos ensaios em periódicos pode ampliar o seu público leitor: “escreviam sobretudo para a classe média, em cujos hábitos iam incluindo a leitura, tornada acessível pela disseminação de sua folha divertida e instrutiva”. (PEREIRA, 1950, p.10)

Para Elena Gualtieri (2000), o ensaio na Inglaterra tinha um caráter de escrita marginal, pois, era visto como o local da escrita amadorística, talvez, consequência da difusão do gênero pela publicidade dos periódicos. Ainda que percebido dessa forma, ele também era um gênero de algum prestígio, visto que, os escritores mais canonizados da literatura inglesa também escreveram ensaios. Dessa forma, Gualtieri classifica o ensaio como um gênero síntese da experiência e do conhecimento em forma de arte:

Como forma, o ensaio tenta estabelecer uma ponte entre o conhecimento e a experiência dando ao conhecimento a forma de uma experiência estética. Ao invés de produzir conhecimento da maneira como a ciência produz, o ensaio cria uma forma de conhecimento que pode ser experienciada como arte. (GUALTIERI, 2000, p.5)

O primeiro ensaísta historiador (que também foi filósofo) reverenciado na tradição de ensaístas ingleses de Lucia Miguel - Pereira é David Hume:

O autor de *An Enquiry Concerning Human Understanding*, continuador dos estudos de Locke e de Descartes, praticou, segundo Lytton Strachey, “como ninguém a divina arte da imparcialidade”, porque possuiu no mais alto grau a tolerância e a isenção, o dom de desinteressar-se e como que esquecer de si mesmo. (PEREIRA, 1950, p.12)

Para falar de Hume, Miguel-Pereira traz uma citação de Lytton Strachey e é interessante observar que Strachey era um contemporâneo de Virginia Woolf, seu amigo pessoal, a quem ela enviava suas obras em busca de críticas, portanto, a tradição

esboçada pela autora chega até o início do século 20. Ela volta a falar diretamente sobre Strachey, que teria renovado a biografia “pelo tom de ensaio que lhe emprestou” (PEREIRA, 1950, p. 15). Porém, ela não incluía Virginia Woolf como parte dessa tradição de ensaístas.

O estudo das condições de possibilidades das mulheres feito pela Virginia Woolf irá nos mostrar que a falta das mulheres nesta tradição se deveu à falta de acesso delas à educação, assim como, à falta de legitimidade social para escrever e ser lida “a sério”. Assim, o ensaio se originou como uma escrita de cavaleiros, que tinham experiência de vida pública, portanto, eram reconhecidos como autores de autoridade pela educação e posição social. Podemos entender este ensaio como um gênero não-acadêmico, mas, ainda assim, de prestígio.

Entretanto, principalmente a partir do século 20, as mulheres passaram a se apropriar do gênero também, como veremos na trajetória como escritora da própria Woolf. Assim, conforme argumenta a professora Izabel Brandão, partindo da constatação da dificuldade, pela sua abrangência de possibilidades, de uma definição fechada de ensaio, Brandão busca caracterizá-lo pela relação de gênero que nele se estabelece:

Sob o olhar feminista, entretanto o ensaio está mais próximo das mulheres não exatamente devido à sua abertura para a subjetividade, mas às suas características fronteiriças, por ele ocupar “um espaço discursivo indeterminado entre a ficção e a não ficção”, como afirma K.Snyder (In Joeres and Mittman: 1993). As feministas contemporâneas acreditam que a política do ensaio enquanto gênero não tem sido enfatizada pela instituição da crítica literária devido ao seu distanciamento da chamada “objetividade acadêmica”. Segundo elas, o ensaio, enquanto gênero fronteiro, é ideal para a apresentação de idéias feministas. Tanto o ensaio quanto as mulheres compartilham de um senso de marginalidade, de não-pertencimento. (BRANDÃO, 1999, p.227)

Acredito que cabe pensarmos o ensaio como um gênero propício para a escrita feminina pelas próprias limitações sociais impostas às mulheres, no período aqui estudado, primeiras décadas do século 20. Se ele nasce como um gênero não-acadêmico e mais “livre” em estrutura e temas, parece ser compreensível que as mulheres possam tê-lo tomado para si, ainda que tenham enfrentado o preconceito e desprestígio da crítica literária.

Após esta pequena introdução acerca do entendimento do ensaio a partir de uma análise de gênero penso ser possível entendermos o argumento através da própria

história de Virginia Woolf como escritora, para assim, exemplificarmos o que seria a marginalidade do gênero ensaio, principalmente quando escrito por mulheres, e das mulheres intelectuais no começo do século 20. Virginia Woolf nascida em uma família de “classe média inglesa”, como relata seu sobrinho e biógrafo Quentin Bell, em 1882, na denominada “era vitoriana”, momento auge do imperialismo britânico, do poderio econômico e cultural do reino, teve como a maioria das mulheres de sua época, mesmo as de sua classe, uma educação não formal. Não há registros seguros de que tenha frequentado nem ao menos uma escola primária. Porém, isso não significa que a educação dela tenha sido limitada. Devido à “sorte”, como a própria Virginia Woolf se refere, de que seu pai era um escritor e crítico (que assim como a filha escreveu biografias e textos históricos) que não impôs limites na sua biblioteca ao que suas filhas e filhos poderiam ler. Através de suas críticas e diários também constatamos que ela sabia, ao menos, francês e grego como línguas estrangeiras.

Assim, a partir dos escritos de Virginia Woolf, podemos perceber a complexidade de seus conhecimentos. Na leitura de seus diários entendemos sua disciplina e trabalho de pesquisa, mas ainda assim, ela tinha uma posição marginal diante dos intelectuais com formação e títulos universitários, posição que ela deixa explícita tanto em suas críticas contrárias à lógica academicista - já naquela época, vista por Woolf como produtivista e pouco próxima da vida real das pessoas - quanto em sua ironia em *Um Teto Todo Seu* (1929) ao narrar a inadequação de uma mulher, como ela, “sem” educação no espaço universitário. Portanto, quando ela começa sua carreira de ensaísta para periódicos, como forma de ter uma renda, seus primeiros ensaios são resenhas de obras, é deste lugar marginal que ela escreve.

Como vimos, os ensaios de Virginia Woolf foram esquecidos pela crítica por um longo tempo, sendo retomados pelos estudos feministas da década de 1970, pois, foram a partir daí reconhecidos como uma contribuição para o entendimento das condições das mulheres na sociedade patriarcal:

Essa possibilidade foi realizada por Michele Barret em 1979 com a publicação de *Women and Writing*, uma seleção dos ensaios mais feministas de Woolf [...] De acordo com Barret, os ensaios mostram uma definição clara da intenção de elaborar de forma materialista uma análise da história das opressões das mulheres. (GUALTIERI, 2000, p.13-15)

Com o decorrer de sua carreira como ensaísta, iniciada em 1904³, na década de 1920 Woolf escreve sobre a arte de escrever, busca dessa maneira, teorizar sobre a prática da escrita. Assim, em ensaios como *The Modern Essay* (1925) e *Montaigne* (1925), ela tenta uma caracterização do ensaio. Nestes trabalhos Woolf não faz nenhuma distinção entre uma autoria masculina ou feminina, sua grande questão é relacionar a escrita do ensaio com a experiência de vida do autor ou autora. Em *Montaigne* ela ressalta o caráter único de seus ensaios por ele ter conseguido, na sua análise, expressar a si mesmo em seus escritos. Deixando entender o caráter complexo e a dificuldade da escrita de um “bom” ensaio, pois, o ensaísta deve ser capaz de falar a partir da sua experiência, mas sem deixar de se relacionar com o público:

Vagas como todas as definições são, um bom ensaio deve ter esta qualidade permanente em torno de si; deve envolver-nos na sua cortina, mas esta deve ser uma cortina que nos mantenha do lado de dentro e não do lado de fora (WOOLF apud BRANDÃO, 1999, p.228).

Como definido pela própria escritora, a experiência, a relação entre o indivíduo com a vida, com seu tempo, é o grande tema dos ensaios aqui analisados. Quando Virginia Woolf não fala da sua experiência direta, busca compreender a experiência do objeto da sua análise, lembrando que boa parte de seus ensaios nascem da resenha de uma obra, através da encomenda de periódicos que a contratavam como crítica literária. Em *Duas Mulheres*, para resenhar a obra que publica as cartas de Lady Augusta Stanley em 1927, Woolf faz a seguinte análise das condições de possibilidade de escrita das mulheres⁴:

Até o começo do século XIX, a mulher de renome era invariavelmente uma aristocrata. Era a grande dama que comandava, escrevia cartas e tinha influência política. Entre a imensa classe média, poucas mulheres alcançaram posições de destaque, e essa condição social anódina não atraía a mesma atenção que se dava aos esplendores dos ricos e às misérias dos pobres. Lá continuam elas, mesmo na primeira metade do século XIX, um vasto corpo, vivendo, casando-se, criando filhos na monótona obscuridade, até que finalmente começamos a imaginar se não havia algo na própria condição delas – a idade com que casavam, o número de filhos que tinham, a privacidade que lhes era negada, as rendas que não possuíam, as convenções que as sufocavam a educação que nunca recebiam – tão marcante que a classe média, o grande reservatório de onde extraímos nossos homens ilustres, só trouxe à cena um número singularmente reduzido de mulheres capazes de ladeá-los. [...] Escrever era a arte mais acessível, e escrever elas escreviam,

³ Ela foi colaboradora regular de resenhas para publicações como *The Times Literary Supplement*, *Nation* e *Athenaeum* (GUALTIERI, 2000).

⁴Podemos notar que ela analisa as condições de possibilidade, não das aristocratas, como a autora resenhada, mas das mulheres de classe média, como a própria Woolf, talvez uma possível referência ao título “duas mulheres”

mas livros profundamente influenciados de onde eram obrigadas a olhar o mundo. (WOOLF, 2012, p.54 – 56)

Neste trecho vemos, então, como Virginia Woolf questiona o contexto, as condições de possibilidade em que as mulheres puderam ter escrito. Reforçando assim, o caráter importante da experiência.

Para Walter Benjamin, após a Primeira Guerra Mundial a sociedade teria ficado mais pobre em “experiências comunicáveis”, podemos pensar que tal situação se devia ao trauma dos horrores da guerra, e a “pobreza” de experiências na modernidade levaria a um estado de barbárie, assim entendida: “Pois o que resulta para o bárbaro dessa pobreza de experiência? Ela o impele a partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda.” (BENJAMIN, 1987, p. 116). Esse estado condicionado pela não relação mais da humanidade com “seu” patrimônio cultural, poderia pelo lado positivo levar a este estado de (re) criação de uma tradição presente que voltasse a se comunicar e se relacionar com a vida dos vivos. Penso que Virginia Woolf ao reivindicar a necessidade da experiência para as mulheres e ao afirmar que elas não tinham uma tradição aposta neste estado de “barbárie criativa” também.

Assim ela usa a sua própria experiência enquanto autora para procurar “imaginar” o contexto em que as mulheres puderam ter escrito. Ela irá recorrer dentro de suas reflexões sobre as mulheres no passado diversas vezes a essa condição de imaginar como elas viviam, não apenas pela sua relação com a ficção, sendo autora de contos e romances, mas como ela mesma aponta devido à falta de registros históricos que relatem a vida das mulheres. Ainda neste mesmo ensaio, Woolf narra a experiência das mulheres no contexto da abertura (muito gradual e pouco receptiva) do espaço universitário para as mulheres na década de 1860 na Inglaterra:

Em 1864, a Saturday Review expressou com toda a clareza o que os homens recebiam quanto as mulheres e o que precisavam delas. A idéia de submeter jovens senhoritas a exames na universidade local “é quase de tirar o fôlego”, dizia o articulista. Se tivessem de ser examinadas, seria preciso providenciar que os examinadores fossem “eruditos de idade avançada”, e que as esposas presumivelmente idosas desses senhores idosos ocupassem “uma posição de destaque na galeria”.

Mesmo assim seria “quase impossível convencer o mundo de que uma bela mulher obteve suas honras de maneira justa”. Pois, escrevia o crítico, a verdade era que “há um instinto masculino forte e inextirpável de que uma jovem culta ou mesmo talentosa é o monstro mais intolerável de toda a criação”. Foi contra esses instintos e preconceitos, sólidos como raízes

fundas, mas impalpáveis como uma neblina dos mares, que Miss Davies teve de lutar. (WOOLF, 2012, p. 58-59)

Diante do machismo evidente do crítico, longe de ser uma voz solitária do período, mas representante de um consenso sobre a mulher na universidade, Woolf tenta argumentar o quão difícil era para as mulheres, em primeiro, receberem educação e depois terem de lidar com a recepção do que pudessem ter escrito. Vemos, assim, como ela utiliza o recurso da fonte para argumentar, para historicizar o problema, “a mulher e a escrita”.

Woolf também não se cala frente ao machismo de sua própria época, assim, no ensaio publicado sobre o título *Posição intelectual das mulheres* (2012 [1920]), que reúne uma série de publicações em periódico no ano de 1920, ela se contrapõe a resenha de, seu amigo, Desmond MacCarthy, da obra de ensaios de Arnold Bennet, *Nossas mulheres: capítulos sobre a discórdia entre os sexos*. Desmond MacCarthy⁵ encerra sua resenha da seguinte forma: “Embora seja verdade que uma pequena porcentagem de mulheres tem a inteligência de um homem inteligente, no geral o intelecto é uma especialidade masculina” (MACCARTHY, 2012, p.36). Afirmação que podemos entender como essencialista, a-histórica e preconceituosa. Para a qual Virginia Woolf, recorrendo a uma análise histórica da questão, responderá:

O fato, como penso que devemos concordar, é que as mulheres, desde os primeiros tempos até o presente, têm dado à luz toda a população do universo. Essa atividade toma muito tempo e energia. [...] Mas o que é necessário não é apenas a educação. É que as mulheres tenham liberdade de *experiência*, possam divergir dos homens sem receio e expressar claramente suas diferenças [...] que todas as atividades mentais sejam incentivadas para que sempre exista um núcleo de mulheres que pensem, inventem, imaginem e criem com a mesma liberdade dos homens e, como eles, não precisem recear o ridículo e a condescendência.

Essas condições, a meu ver muito importantes, são dificultadas por declarações como as de Falcão Afável e Mr. Bennett, pois para um homem ainda é muito mais fácil do que para uma mulher dar a conhecer suas opiniões e vê-las respeitadas. Não tenho dúvidas de que, caso tais opiniões prevaleçam no *futuro*, continuaremos num estado de barbárie semicivilizada. Pelo menos é assim que defino a perpetuação do domínio de um lado e, de outro, da servilidade. Pois a degradação de ser escravo só se equipara à degradação de ser senhor. (WOOLF, 2012, p.50-51)

Ao receber esta resposta de Virginia Woolf, que apela, novamente, para a importância da experiência e que projeta um cenário de futuro negativo, se a experiência das mulheres continuasse a ser a do enfrentamento do preconceito machista, Desmond

⁵Desmond MacCarthy assina a resenha com o pseudônimo de Falcão Afável a quem Woolf se dirigirá na sua crítica.

MacCarthy recua e termina por dizer que se as suas opiniões sobre as mulheres as impediriam de escrever, ele não as daria mais.

Este caráter de se reconhecer a necessidade de uma tradição, através de seu lugar no tempo, o presente, e, dessa maneira, possibilitar uma escrita que retrate a experiência é tratado também por outro contemporâneo de Virginia Woolf, T. S. Eliot⁶. Para ele:

[...] o sentido histórico implica a percepção, não apenas da caducidade do passado, mas de sua presença; o sentido histórico leva um homem a escrever não somente com a própria geração a que pertence em seus ossos, mas com um sentimento de que toda a literatura européia desde Homero e, nela incluída, toda a literatura de seu próprio país têm uma existência simultânea e constituem uma ordem simultânea. (ELIOT, 1989, p.39)

Assim, define T.S. Eliot o que seria uma “tradição” literária, o sentir-se parte de uma cadeia de autores e obras, em que seja necessário se reconhecer como herdeiro e em diálogo. Linda Hutcheon reconhece a influência desses apontamentos de Eliot:

[...] desde a valorização por Eliot do <sentido histórico> e, completamente, da atenção dada pelos formalistas (pela Nova Crítica, pelo estruturalismo) ao texto, ainda que muito diferentes, temos testemunhado um interesse renovado pelas questões de apropriação e até de influência textual. [...] Os artistas modernos parecem ter reconhecido que a mudança implica continuidade [...] (HUTCHEON, 1989, p. 43)

Ainda que criar o novo seja também essencial para reivindicar um lugar na tradição: “A busca da novidade na arte do século XX tem-se baseado com frequência – ironicamente - na busca de uma tradição” (HUTCHEON, 1989, p.43). Contudo, não é despropositado que Eliot fala em “homem” como herdeiro e participante desta tradição.

Virginia Woolf irá argumentar que essa tradição masculina não convida ao diálogo as mulheres, não trata das experiências delas no tempo e não serviria como um modelo, assim, como para os homens. Portanto, a necessidade das mulheres de (re) criarem uma tradição no presente para o futuro.

Woolf reconhece como Eliot à importância da tradição, contudo, apela para a falta de uma tradição que sirva de referência para as mulheres, que atue como um “respaldo” para se interpretar o presente.

⁶Virginia Woolf e T.S. Eliot foram amigos e o autor teve obras suas publicadas pela editora de Woolf, em parceria com seu marido, a Hogarth Press.

1.2 O diário como um ensaio de escrita

Em 1915, Virginia Woolf, já casada com Leonard Woolf e vivendo em Richmond, inicia a escrita de seu diário, que com pequenos intervalos, em momentos de fragilidade na sua saúde física e emocional, ela escreveria até a sua morte em 1941. Em 1954, Leonard Woolf publicou um recorte destes diários com o título de *Diário de uma Escritora*, em que ele privilegiou as passagens nas quais Virginia Woolf comenta suas leituras, e a escrita e a recepção de suas obras. Este é o motivo pelo qual selecionei esta edição como parte do material de análise deste trabalho. Os diários foram publicados de forma integral, após a morte de Leonard Woolf, por Quentin Bell, sobrinho de Virginia. Contudo, pelo tamanho, são 26 volumes redistribuídos em cinco volumes, não foi possível a consulta a íntegra dos diários.

Ao apresentar os diários de Virginia Woolf, retomamos a análise do que era escrever para a autora, o que era experienciar o tempo, o que ela fazia em forma de narrar o seu método de trabalho com todas as suas dúvidas, alegrias e sofrimentos: “Eu não quero escrever nada neste livro de que eu não goste. Contudo, escrever é sempre difícil” (WOOLF, 1954, p. 26)⁷. Assim, Virginia Woolf constrói nos diários um ensaio da produção de suas obras, analisando a criação de seus romances, contos, e ensaios os quais escrevia como forma de sustento e, podemos ver como ela era disciplinada: “Então, estou tentando isso – minha ficção antes do almoço e então os ensaios depois do chá” (WOOLF, 1954, p.65)⁸.

Nos diários encontramos as mesmas temáticas que motivavam a escritora a escrever nos seus ensaios. Ali ela traz a questão das mulheres, do tempo, das relações com o passado, dos limites das realizações femininas, presas aos padrões de comportamento das suas épocas. Ela historiciza sua própria produção, deixando antever um projeto de escrever a sua autobiografia projeto que não se realizou, já que Woolf encurtou sua vida em um momento de depressão profunda mas levando em conta que a sua eu do futuro já não seria a mesma Virginia Woolf do presente, pois, o tempo iria ter mudado o seu entendimento sobre ela mesma e suas ações no presente que teria se tornado passado:

⁷As citações dos diários são traduções minhas da obra consultada, em sua primeira edição.

⁸ Longe de criar uma oposição entre uns e outros, os ensaios de Woolf e os seus romances são vistos por Bowlby como aspectos articulados e complementares do mesmo projeto: contar histórias não-contadas e representar novas formas de consciência (GUALTIERI, 2000, p.15) [Rachel Bowlby é a autora da introdução da publicação de ensaios de Virginia Woolf *A Woman's Essays* (1992)]

Se a Virginia Woolf de cinquenta anos, resolver sentar para compor as suas memórias com o material desses livros, será incapaz de escrever uma frase com sentido, só me resta compadecer-me e lembrar a existência da lareira, onde ela tem minha permissão para fazer dessas páginas outras tantas fagulhas de olhos vermelhos e cinzas pretas. Mas como eu a invejo pela tarefa que estou preparando para ela! Não tem nenhuma outra que eu gostaria mais de fazer. (WOOLF, 1954, p.7)

Em outra passagem, Woolf periodiza seu interesse por biografias e autobiografias, e podemos compreender o quanto ela era familiarizada com a essas leituras: “Desde a minha infância [...] tenho o costume de ler e vivenciar biografias e querer construir na minha imaginação a pessoa com cada retalho de notícia que eu pudesse reunir sobre ela.” (WOOLF, 1954, p.2)

Apesar de ler sobre homens e mulheres, podemos vê-la interessada particularmente na leitura da vida das mulheres, principalmente de escritoras, buscando compreender em que estados de espírito elas haviam escrito, deixando registrado também a sua própria experiência com o seu presente que possibilitava ou impossibilitava a sua escrita: “A vida se acumula com tanta pressa que eu não tenho tempo de escrever com igual rapidez minhas reflexões, de ritmo não menos veloz, que eu sempre desejo, registrar aqui conforme elas valham apenas” (WOOLF, 1954, p.9). Woolf, de forma analítica faz a seguinte observação da dificuldade de se escrever:

Um pequeno esforço é necessário para encarar um personagem ou um incidente que precisa ser escrito. Mas também não se pode deixar que a pena escreva sem orientação; por medo de se tornar negligente e desordenada como Vernon Lee. Seus ligamentos são muito soltos para o meu gosto. (WOOLF, 1954, p.14).

Neste trecho, é interessante a citação e comparação que ela estabelece com a historiadora amadora Vernon Lee, assim classificada por Bonnie Smith. Mostra que ela conhecia pelo menos parte da produção “amadora” sobre a história de autoria feminina, e como ela se coloca de forma crítica diante do estilo da autora.

Reconhecendo na obra de Virginia Woolf o interesse pelas histórias das mulheres, podemos entendê-la como uma autora feminista, pois ela tinha como prática na sua escrita crítica um questionamento dos saberes a partir do que Rita Terezinha Schmidt vai chamar de “ponto de partida” dos estudos feministas:

Esse é o ponto de partida para a problematização feminista da produção do conhecimento sobre as mulheres: como, onde, por quem e para quem o conhecimento é produzido? [...] É possível argumentar que a epistemologia feminista opera como uma forma específica de produção de conhecimento, na medida em que postula e afirma, a posicionalidade do sujeito em termos da relação entre experiência e conhecimento. (SCHMIDT, 1999, p.30)

Contudo, dar a Virginia Woolf uma identidade como feminista é uma caracterização tensa, como todas as identidades, pois, seu envolvimento com o movimento feminista de sua época, que lutou acima de tudo pelo sufrágio universal, não foi de um amplo engajamento. As próprias limitações de saúde de Woolf, sua saúde era abalada frequentemente por crises nervosas e depressões, impossibilitavam que ela fizesse uma militância física, comparecer a reuniões e protestos, com muita frequência. Mas ela também tinha atritos com as formas de discurso e algumas das práticas políticas das sufragistas.

Woolf também nunca negou a sua posição de fala, ela se apresentava como uma escritora que possuía vínculos sociais com a burguesia e até mesmo com a aristocracia. O que para algumas feministas marxistas a deslegitima a falar pelas mulheres. Sendo vista como uma autora que não buscava o fim completo da opressão das mulheres, o fim do sistema capitalista. Para Joan Scott, o tipo de posicionamento de Woolf era o posicionamento possível para as mulheres feministas dentro de uma sociedade liberal, quando não revolucionárias comunistas, podemos pensar, assim:

Não nego que o feminismo – pelo menos quando reclama direitos para as mulheres – tenha sido produzido pelo discurso do individualismo liberal, nem que não dependeu do liberalismo para a sua existência; não havia alternativa, e ainda não há [...] O feminismo não foi um signo das operações benignas e progressistas do individualismo liberal, mas sim um sintoma de suas contradições constitutivas. Essas contradições podem ter sido direcionadas para outras esferas por reformas como o voto, porém, não desapareceram, e por essa razão também o feminismo não desapareceu. (SCOTT, 2012, p.37)

Contudo, penso que Woolf era profundamente consciente da impossibilidade de falar por todas as mulheres, e nunca teve este objetivo. Esse reconhecimento não necessariamente diminuiu seu poder de atuação enquanto uma autora feminista, visto que isso não a impossibilitou de se solidarizar com as mulheres operárias. Em seus diários ela narra idas a congressos de sociedades de mulheres trabalhadoras, buscando conhecer e ouvir as suas experiências e reivindicações.

Em *Memórias de uma União de Trabalhadoras* (1931), ensaio que em sua origem foi o prefácio de um livro⁹ organizado por uma cooperativa inglesa de mulheres trabalhadoras, podemos perceber a sua autocrítica diante das lutas femininas e feministas da sua época:

Aquelas mulheres reivindicavam divórcio, educação, direito de voto – boas coisas, todas elas. Reivindicavam salários maiores e jornadas menores – haveria coisa mais razoável? [...] Todas essas questões – era isso talvez que estava no fundo – que interessam tanto às pessoas aqui, questões de saneamento, de educação, de salários, essa reivindicação de um xelim a mais, de um ano a mais na escola, de oito em vez de nove horas atrás de um balcão ou numa fábrica, não me tocam, não no cerne e na alma. Se todas as reformas reivindicadas fossem atendidas naquele mesmo instante, isso não moveria um único fio de minha confortável cabeça capitalista, logo, um interesse é meramente altruísta. É um verniz superficial e desbotado. Não tem força na vitalidade. Posso aplaudir ou bater os pés com toda força, o som tem um vazio que me denuncia. Sou uma espectadora benevolente. (WOOLF, 1931, p.69-70)

Se pensarmos para além do que é dito no discurso de Virginia Woolf logo encontraremos uma contradição, pois, ela faz essa análise crítica sobre seu próprio envolvimento na luta das mulheres se envolvendo na luta das mulheres, mas na posição que ela achava apropriado para que ela estivesse. Como apoiadora, como ouvinte da experiência das mulheres, mulheres que, ela reconhecia, viviam uma vida com mais opressões que a dela. Assim, Woolf não ignora a luta das mulheres trabalhadoras. Este livro foi publicado pela sua editora, e ela também foi uma das incentivadoras para que as trabalhadoras escrevessem sobre suas vidas, sobre os problemas que elas enfrentavam. Ela apenas não se reconhecia no mesmo lugar daquelas mulheres, e não queria falar por elas. O local que Woolf reconheceu como seu próprio de luta foi o ensaio. Foi na escrita, foi na sua obra, que ela trouxe repetidas vezes o tema da necessidade de ampliação do espaço de experiência das mulheres, principalmente, uma educação que lhes fosse acessível e libertadora:

Se esta ardorosa defesa do direito das mulheres à educação, a um lugar na sociedade, é feminismo “menor”, precisamos começar de vez a redefinir conceitos, porque o que eles representam não é bom o suficiente. (BRANDÃO, 1999, p.235)

Como sugerido, podemos ler as narrativas e observações de Virginia Woolf nos diários, como “ensaios” de uma escrita futura, também como um mapeamento dos seus

⁹ Livro chamado *Life As We Have Krown It* [A vida como conhecemos], da Cooperativa de trabalhadoras (Ed. Margaret Llewellyn Davies, Hogarth Press, 1931)

interesses e o local em que ela observa o estado de suas reflexões e pesquisas. Assim, este é mais um espaço em que constatamos como ela traz a questão da história, do contexto limitador para as mulheres, como parte da análise de suas obras. Daí podermos compreender a profunda importância que ela dava ao passado, e como ela irá traduzir essa “consciência histórica” em uma forma de ruptura. Virginia Woolf defenderá a necessidade de conhecer o passado para compreender o presente, mas os seus usos para o futuro são complexos. Ela tanto reivindica a construção de uma tradição para que as mulheres tenham fontes de inspiração, como também, deseja que o futuro seja completamente diferente do passado. Essa complexidade de objetivos ao tornar a mulher sujeito de suas reflexões faz também parte da maneira feminista de abordar os saberes como explica Schmidt:

A vigência dessa categoria procede do campo de valores humanista-iluministas que tem como horizonte a emancipação, a igualdade de direitos, a democracia e a liberdade de representação. Sua introdução no trabalho com a literatura, vensejou o estudo das representações da diferença sob dois ângulos: 1. a afirmação da positividade da identidade “mulher” a partir de sua reconstrução pelo eixo identidade/subjetividade, o que significou dar visibilidade a um imaginário até então encoberto e silenciado; nesse imaginário, o amor, a sexualidade, o corpo, o desejo, o trabalho, a maternidade, a amizade, a memória, a história, e a nacionalidade adquirem novos sentidos, traçam novas paisagens, recompondo o outro lado da história e levantando, nesse processo, a questão da relação entre linguagem, poder e resistência; 2. o confronto com a negatividade de uma subjetividade posicionada no sujeito masculino. A atenção direciona-se aos pressupostos sobre a natureza feminina que alimentam representações normativas da mulher, aos limites ficcionais e cerceamentos ideológicos (silenciamento, invisibilidade e exclusão) nos processos de construção simbólica, particularmente no quadro da tradição literária. (SCHMIDT, 1999, p.32)

Virginia Woolf, assim como sugerido por Schmidt, irá travar esse diálogo entre a literatura e a história para entender e questionar a posição de poder das mulheres na sociedade. Assim, ela compara uma personagem da literatura antiga grega com uma autora moderna inglesa para ao fim traçar um paralelo com a vida das mulheres:

A mulher heroína não difere muito na Grécia ou na Inglaterra. Isso desde o tempo de Emily Brontë. Clitemnestra e Electra são claramente mãe e filha, assim deveria haver mais simpatia, porém, talvez a simpatia às vezes possa esconder o ódio. Este é o tipo de mulher que coloca a família do pai acima de tudo. Sente por tradição mais veneração que os filhos da casa; e se considera por seu nascimento mais perto do lado paterno do que do materno. É estranho notar como, apesar das convenções serem perfeitamente falsas e ridículas, nunca aparecem como mesquinhas ou insignificantes, como constantemente se apresentam as convenções inglesas. A vida que Electra viveu foi muito

mais circunscrita que das mulheres de classe média da era vitoriana, mas o único efeito sobre ela foi fazê-la dura e esplêndida. Ela não poderia ter dado uma caminhada sozinha; entre nós teria bastado uma criada e um coche. (WOOLF, 1954, p.5)

Neste trecho vemos despontar as reflexões questionadoras de Woolf sobre a mulher enquanto personagem na literatura, tema que ela irá aprofundar em *Um Teto Todo Seu* (1929). Fica assim, a evidência do caráter ensaístico da escrita do diário. Voltaremos a estas questões, mas aponto, então, a tese central de Woolf da contradição de que na literatura as mulheres aparecessem como criaturas poderosas enquanto no seu contexto social estavam numa posição de servilidade na sociedade patriarcal. Podemos entender também, que ela aponta para o papel que a ideologia patriarcal tinha de moldar a mulher ao fazê-la se sentir devota ao pai. Ressalto por fim, que, como argumentei no início deste trabalho, os questionamentos e críticas de Woolf são limitados também pelo seu lugar social. Assim, ela compara a personagem Electra com mulheres da classe média, que poderiam sair se tivessem uma criada. A condição de liberdade da criada não é problematizada. Ainda que seja ambígua a liberdade de uma mulher que necessite sair acompanhada de outra. Woolf irá apontar para esse problema também, posteriormente, ao sugerir o quanto a criada funcionava como uma forma de vigília de pais e maridos.

Woolf comenta, nos diários, uma conversa com seu marido sobre a filosofia, ela passa então a defender a necessidade de se enfrentar a melancolia quando nos defrontamos com as dificuldades da vida e, defende a necessidade de se repensar as respostas que encontramos para a vida, e não nos afundarmos nas mentiras tradicionais por medo da dúvida:

L. acha a filosofia muito melancólica. Isso concorda muito com o que ele estava dizendo ontem, porém, se alguém quer lidar com as pessoas numa grande escala e analisar o que as pessoas pensam, como se pode evitar a melancolia? Eu não admito pensar sem esperança, apenas que o espetáculo é profundamente estranho; e como as respostas correntes não respondem, é preciso procurar por novas, e o processo de descartar o velho, quando não se tem de nenhuma forma certeza sobre o que colocar no lugar, é um processo triste. (WOOLF, 1954, p.10)

Entendo que é dessa maneira também que ela olhará para a história em busca das mulheres em *Um Teto Todo Seu* (1929), procurando pelo antigo em busca do que descartar, e propondo o novo, ainda que não saiba o que de fato ele seria.

Capítulo 2. Woolf e a história

2.1 Virginia Woolf na história

A relação que busco estabelecer aqui entre Virginia Woolf e a história precisa ser matizada, primeiro pelo entendimento de sua época do que era um discurso histórico e depois pelo entendimento que ela tinha da história. Para estabelecer esse entendimento, recorro aos seus escritos, em seu diário e em seus ensaios, mostrando assim como a história era uma questão presente para ela, em particular a história e sua relação com as mulheres.

Quanto ao que podemos chamar de “consciência histórica” do período, tento fazer uma aproximação através da história da historiografia inglesa. No início do século 20, culminou-se a “profissionalização” da escrita da história, fenômeno comum aos países europeus iniciado no século 19. Contudo, com uma tradição literária de narrativa sobre o passado, vista agora como amadora, a legitimidade do discurso histórico ainda oscilava entre ser uma verdade porque ciência, ou uma verdade porque uma narrativa bem formulada. Donald R. Kelley (2006), de forma comparativa com as historiografias da França e da Alemanha, analisa que a historiografia inglesa do início do século 20 não duvidava da mesma forma, que os historiadores franceses e alemães começavam a fazer, das glórias do passado, e mantinha uma ideologia nacionalista e imperialista. Uma historiografia também conhecida como “Ponto de vista Whig da história”, segundo Herbert Butterfield, uma historiografia que visava à valorização da cultura inglesa e a projeção e justificativa da Inglaterra como uma nação imperialista:

A historiografia inglesa do século XIX é marcada não apenas pela influência que recebe de Ranke e do historicismo alemão. A famosa historiografia whig - um tipo de historiografia presentista que se atém a uma perspectiva de ratificação e glorificação do presente como resultado de uma evolução linear dos eventos passados. (SILVA, 2013, p. 38)

Porém, a maior legitimidade era a da autoria, o historiador seria o profissional “preparado” para o trabalho de pesquisa:

Se há uma institucionalização com a criação dos cursos de história nas principais universidades inglesas, uma profissionalização da história, tendo a própria English Historical Review como um de seus principais exemplos, além da referência de Leopold Von Ranke, uma interpretação poderia definir uma divisão da historiografia inglesa do século XIX entre a historiografia

“amadora” e a historiografia “profissional” [...] A tese de Rosemay é que, na verdade, há uma continuidade se sobrepondo a uma ruptura entre historiadores vitorianos e profissionais, conforme nos apresenta no epílogo do seu livro. Dessa forma a continuidade conforme entre as tradições amadoras e profissional foi mais significativa que os conflitos presentes, “Os ideais da velha crença foram decisivos na formação das responsabilidades novas” (JANN, 1985, p.216 APUD SILVA, p.39)

Bonnie Smith, ao estudar o processo de profissionalização da escrita da história, a partir da perspectiva de gênero, faz a mesma observação de Jann, de que a profissionalização do discurso histórico não foi uma completa ruptura com as práticas e temas amadores, contudo, foi uma apropriação ou uma “masculinização” desse discurso:

Ao repudiar dessa forma o passado historiográfico do amadorismo, a pessoa assume uma posição firme no lado do profissionalismo que, com seus procedimentos, práticas, metodologia, textos, fantasias e organização construiu a ciência histórica a partir do gênero, ao privilegiar o masculino sobre o feminino e ao contrastar especificamente verdade masculina com falsidade feminina, profundidade masculina com superficialidade feminina, acontecimentos masculinos importantes com fatos femininos triviais, a transcendência masculina com a corporificação feminina como parte das vantagens do profissionalismo. A imposição dessa hierarquia foi precisamente o ponto de origem do trauma historiográfico para as mulheres, e que foi perpetuado não apenas na política e na economia, mas também na profissionalização. (SMITH, 2003, p.150)

O que Smith traz é a constatação de que a profissionalização da escrita da história foi marcada pelo afastamento das mulheres da sua escrita, pois, agora era preciso revestir a história de cientificidade, e os “pares” deveriam ter uma mesma formação universitária, local inibido a presença feminina. Virginia Woolf escreve *Um Todo Seu* no final da década de 1920, momento em que essa profissionalização já havia se efetivado, ou seja, a história “séria” era escrita por homens e sobre homens. A sagacidade de seu trabalho é perceber essa relação de forças, assim, ela irá apelar para que as mulheres escrevam a história (ou podemos pensar, voltem a escrever a história).

O contexto historiográfico europeu de profissionalização da escrita da história e de seu papel na formação de uma identidade nacional acabou também por levar a história a ser vista como uma força quase onipresente. Essa constatação ficou conhecida como o fenômeno do “historicismo”:

Feuerbach designa com “Historicismo”, nos anos 1840, “uma consciência deformada por uma falsa relação com a História” [...] Somente no século XX, o significado negativo criado por Feurbach se difundiu, querendo se referir à ruína de um passado já morto (KOSELLECK, 2013, p.208-209).

Virginia Woolf escreve sobre a história e sobre o papel que ela podia ter na vida das mulheres diante deste contexto historiográfico, de um historicismo que fazia com que tudo pudesse ser história. Contanto, que legitimado pela autoria de um historiador profissional, e diante de uma história que falava sobre os feitos “heroicos” de uma nação patriarcalista que colonizava os povos de fora de seu território. E que mantinha as mulheres de seu território de fora da cidadania, e também, dessa história.

Um Teto Todo Seu, foi publicado em formato de livro em 1929. Dessa maneira, podemos vê-lo com um dos ensaios mais elaborados pela escritora, pois, este texto foi sendo retrabalhado ao longo de meses. Antes dessa publicação, Virginia Woolf já tinha trabalhado a ideia deste texto em outros dois formatos. Primeiramente ele foi um discurso lido em 1928¹⁰. E, em março de 1929, meses antes da publicação em livro, uma versão resumida do ensaio saiu como artigo na Revista *The Forum*, intitulado “*Woman and Fiction*”. Ela registra o processo da escrita deste trabalho em seus diários, assim, em 27 de outubro de 1928 escreve suas impressões sobre Girton: “Os corredores de Girton são como abóbadas em uma alta catedral horrorosa – seguem e seguem, frios e brilhantes, com uma luz que queima. Quartos góticos altos: grandes espaços de brilhante madeira marrom, aqui e ali uma fotografia” (WOOLF, 1954, p. 135). Com sua particular habilidade de transformar a experiência em metáfora narrativa, vemos como ela percebe esse lugar com um olhar estrangeiro, não familiar e não se sente bem recebida. Essas impressões apareceram no texto retrabalhado do ensaio.

Em outro momento, quando ela estava encerrando a escrita do texto, no formato ensaio, Woolf comenta novamente em seu diário em 12 de maio de 1929: “Sobre *A Mulher e a Ficção*¹¹ eu não estou segura – um ensaio brilhante? – Eu ousaria dizer que sim: tem muito trabalho nele, muitas opiniões fervidas em uma espécie de geléia, com as quais eu busquei dar um sabor o melhor que eu pude” (WOOLF, p.142, 1954). A imagem do ensaio como uma “geléia de opiniões” é uma descrição humorística, mas que não faz jus ao que o trabalho de fato tem a dizer. A escrita de Virginia Woolf

¹⁰“Este ensaio baseia-se em dois artigos lidos perante a Sociedade das Artes, em Newnham, e a Odtaa, em Girton, em outubro de 1928. Os artigos eram demasiadamente extensos para serem lidos na íntegra e foram posteriormente alterados e ampliados”. [Nota introdutória de *Um Teto Todo Seu*, na primeira edição em português de 1985].

¹¹Antes da publicação em livro, o texto se chamava *Women and Fiction*, sendo rebatizado de *Room of One's Own*.

recorre várias vezes ao humor, a ironia, e seus diários não tinham a intenção imediata de serem lidos por outras pessoas. Busco a partir da análise que segue mostrar como Woolf “ferveu” as “opiniões” em busca de sentidos, e como ela interpretou essas opiniões em busca de responder a questão das possibilidades de escrita das mulheres.

A partir da temática “A mulher e a ficção”, o ensaio tem como narradora uma personagem criada por Woolf para demonstrar como era a percepção de uma mulher ao visitar um campus universitário na Inglaterra do início do século XX. Desde o início Woolf alerta para a digressão necessária para se chegar à ficção, e tem como propósito entender como as mulheres escreveram no passado e como elas poderiam escrever no presente e no futuro. A maneira de elaborar a sua crítica e análise foi através da chamada de atenção para a história e a sua importância como lugar de tradição. Uma tradição que deixava implícito que as mulheres não tinham participado ativamente do passado como apontava a historiografia profissional daquele momento. Mas Woolf não acreditou nesta suposição e defendeu uma reescrita da história, a partir do trabalho de historiadoras e que buscasse recuperar o papel das mulheres no passado. Em seu diário, ela comenta sua maneira de pensar: “Eu penso demais sobre porquês e de quais formas, demais sobre mim mesma” (WOOLF, 1954, p.29). Podemos pensar que esse olhar interrogador dela foi direcionado então para a história escrita e também a partir desse olhar autocentrado (pensar nela mesma, também era pensar sobre a sua condição como mulher) ela pode ver as brechas e incongruências nesses discursos que silenciavam sobre as mulheres ou as retratavam como simples objetos sem ação na história.

Assim, é possível ver neste ensaio de Virginia Woolf uma fonte para o estudo da história das mulheres e, dessa forma, também uma crítica à historiografia profissional de seu período. Dividido em seis capítulos, o ensaio vai e volta no tempo, tanto no presente da ação da narradora/autora como no tempo histórico em que ela traz os dados do passado, os analisa no presente, e projeta futuros, mas num jogo, em que passado, presente e futuro vão servindo à narrativa e a tentativa de responder as questões que ela vai elaborando. Para Woolf, escrever no presente era possível tendo um quarto próprio e uma renda. Escrever no passado não foi possível pela falta deste quarto e de renda próprios. Contudo, algumas mulheres escreveram, então, ela pergunta “Como?” e “O quê?”.

O primeiro tempo que precisamos ter em conta é o da escrita do ensaio, qual era o presente de Virginia Woolf? Woolf estava no momento histórico chamado “entre guerras”, a década de 1920 ficou assim conhecida na Europa, por ter sido o intervalo entre a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Foi um momento de profunda tensão social, os impactos da guerra ainda estavam muito presentes, e já havia a percepção de que nada estava de fato resolvido, a possibilidade de novos conflitos era um temor social, em seu diário Virginia Woolf comenta a sensação de viver aqueles dias:

Eu penso às vezes porque a nossa geração é tão trágica -nenhuma página de jornal está livre do grito de agonia de alguém. McSwiney está tarde e a violência na Irlanda; ou vai a ver a greve. A infelicidade está por toda parte, logo ali atrás da porta, ou a estupidez, que é ainda pior. (WOOLF, 1954, p.29)

Ainda neste contexto, precisamos entender que a situação das mulheres era “nova” e complicada, pois, terminada a guerra, a autonomia adquirida foi questionada. Durante a guerra, devido à necessidade, as mulheres foram necessárias ao estado para manter a economia. A participação das mulheres no mercado de trabalho e na liderança de suas famílias foi numerosa, a ponto de gerar um discurso estatal que já buscava se precaver de que elas pudessem querer manter essa nova posição, como argumenta Françoise Thebaud: “a vontade de confinar as mulheres a funções de substitutas – only for the duration, dizem os Britânicos – e de auxiliares utilizadas na linhagem da indelével <natureza>” (THEBAUD, 1991, p.55). Dessa maneira, com a volta dos homens, a relação entre os sexos não teve uma solução simples:

A idéia de que a Grande Guerra alterou as relações entre os sexos e contribuiu muito mais para a emancipação das mulheres que anos ou mesmo séculos de combates anteriores é muito corrente durante o conflito e no período que imediatamente se lhe segue. Quer seja saudada ou denunciada, rigorosamente avaliada ou fantasmaticamente amplificada, esta ruptura torna-se um lugar comum da literatura e do discurso político. (THEBAUD, 1991 p.31)

Mas, para Thebaud essa “nova” condição temida pelos conservadores ou comemorada por feministas e progressistas, não foi tão revolucionária como se costumou pensar. E com a preferência do discurso histórico para as questões “objetivas” da guerra a história dessas mulheres do entre guerras teria ficado sob silêncio:

a perspectiva econômica e política do conflito predominou: fins, causas ou custos da guerra, estratégias e táticas militares. Mais recente e mais sensível aos frêmitos da retaguarda, a história social, que abriu tantas pistas, não podia ignorar a presença das mulheres, principalmente a das trabalhadoras de

guerra. Mas o estímulo primordial deve-se às interrogações levantadas pelo movimento feminista dos anos sessenta e setenta. (THEBAUD, 1991, p.32)

Assim, para Thebaud uma nova interrogação sobre a condição das mulheres naquele período ocorrerá apenas nos anos sessenta e setenta quando temos a volta da força política do movimento feminista. Contudo, penso os ensaios de Virginia Woolf como registros daquela condição, como documentos buscando voz em meio ao silêncio. Thebaud argumenta ainda que a própria guerra, vista como libertadora, fez parte do processo de silenciar as mulheres na sociedade novamente:

A guerra teria bloqueado o movimento de emancipação que se esboçava em toda a Europa do início do século XX e que se encarnava numa nova mulher (new woman) econômica e sexualmente independente e num poderoso movimento feminista, tão igualitarista como imaginativo. A guerra teria reforçado a identidade masculina em crise nas vésperas do conflito e repostos as mulheres no seu lugar de mães prolfíficas, de donas de casa na melhor das hipóteses libertadas pela gestão (management) doméstica, e de esposas submissas e admiradoras. (THEBAUD, 1991, p.33)

Quando tocam os sinos do armistício a 11 de Novembro de 1918, a guerra deixa uma Europa exangue ao lado de uma América triunfante, países vencidos e rapidamente desmembrados (entre os quais os grandes impérios da Áustria-Hungria e da Alemanha), Estados vencedores mas traumatizados (França, Reino Unido, Itália). O total das vítimas civis não é conhecido, mas é elevado, na Europa Central e Oriental. Nove milhões de homens morreram, milhões de outros tiveram de ser desmobilizados e de voltar à vida civil. Para as mulheres, a quem os aduladores ocasionais ou os partidários da emancipação feminina tinham prometido um futuro radioso com palavras pomposas, ou pelo menos uma indispensável participação no esforço de reconstrução, chegou o momento de ceder o lugar. Rotuladas de oportunistas e muitas vezes de incapazes, são convidadas a regressar ao lar e às tarefas femininas, em nome do direito dos antigos combatentes, em nome da reconstrução nacional e da defesa da raça. Umas resistem, outras aceitam, extenuadas por anos de trabalho e de solidão, ou entregues à alegria dos reencontros. [...] Apostando numa rápida reintegração dos veteranos na família e no trabalho, esta violência que é feita às mulheres parece ter uma função tanto psicológica como econômica: por um lado, reafirmar uma identidade masculina abalada por quatro anos de combates anônimos, por outro lado apagar a guerra e responder, num período de febre social e reação política, ao profundo desejo dos combatentes de restaurar o antigo mundo. . (THEBAUD, 1991, p.78-79)

Porém, pensando no próprio esforço de Virginia Woolf de escrever para aquelas mulheres, suas contemporâneas, e denunciar a importância de que elas estudassem e trabalhassem, podemos concluir que a pressão para que as mulheres voltassem ao núcleo familiar foi um jogo de poder, das quais muitas, depois da experiência da vida na guerra, resistiram a se submeter:

É verdade que, para as mulheres, a guerra constitui uma experiência de liberdade e de responsabilidade sem precedentes. Em primeiro lugar, pela valorização do trabalho feminino ao serviço da pátria e pela abertura de

novas oportunidades profissionais, em que as mulheres descobrem, geralmente com prazer, o manuseamento de utensílios e técnicas que desconheciam. A guerra destrói, por necessidade, as barreiras que opunham trabalhos masculinos e trabalhos femininos e que vedavam às mulheres numerosas profissões superiores. [...] Porque essa foi a novidade essencial: viver sozinha, sair sozinha, assumir sozinha responsabilidades familiares, tudo coisas que pareciam anteriormente impossíveis e perigosas. E por vezes ousar escrever, ser ocasionalmente poetisa, para tecer a metáfora patriótica ou fazer seu diário de guerra, narrativa dos seus esforços e das suas misérias. (THEBAUD, 1991, p.49 - 52)

Woolf, neste contexto, vai comentar, no ensaio *Profissões para mulheres* (1931), ensaio que surge primeiro como discurso também, lido para a *Sociedade Nacional de Auxílio às Mulheres*, como ela precisou matar o “Anjo do Lar”, dentro de si própria, para que pudesse se arriscar a escrever. Sua descrição deste “anjo” é o desnudamento do dilema das mulheres de classe média de sua época:

E, quando eu estava escrevendo aquela resenha, descobri que, se fosse resenhar livros, ia ter de combater um certo fantasma. E o fantasma era uma mulher, e quando a conheci melhor, dei a ela o nome da heroína de um famoso poema, “O Anjo do Lar”. [...] Vocês que são de uma geração mais jovem e mais feliz, talvez não tenham ouvido falar dela – talvez não saibam o que quero dizer com o Anjo do Lar. (p.11) [...] em suma, seu feitio era nunca ter opinião ou vontade própria, e preferia sempre concordar com as opiniões e vontades dos outros. [...] Naqueles dias – os últimos da rainha Vitória – toda a casa tinha seu Anjo. (p.12) [...] “Querida, você é uma moça. Está escrevendo sobre um livro que foi escrito por um homem. Seja afável; seja meiga; lisonjeie; engane; use todas as artes e manhas de nosso sexo. Nunca deixe ninguém perceber que você tem opinião própria. E principalmente seja pura.” (p.12) [...] Fiz de tudo para esganá-la. Minha desculpa, se tivesse de comparecer a um tribunal, seria legítima defesa. Arrancaria o coração de minha escrita. [...] Demorou para morrer. Sua natureza fictícia lhe foi de grande ajuda. É muito mais difícil matar um fantasma do que uma realidade. (p.13). [...] Mas foi uma experiência real; foi uma experiência inevitável para todas as escritoras daquela época. Matar o Anjo do Lar fazia parte da atividade de uma escritora. (WOOLF, 2012, p. 11 - 14)

É curioso notar que ela escreve como se a condição estivesse superada, talvez seja um recurso à ironia, talvez por se dirigir a mulheres que já exerciam uma profissão ela pensasse nelas como de alguma forma em vantagem ao que ela precisou enfrentar. Também, podemos perceber como ela conceitua o papel social da mulher como uma ficção, como uma construção social, assim como, entendemos hoje a partir da teoria de gênero. Buscando desconstruir esse fantasma do que seria uma mulher, Woolf vai apostar em um futuro em que as mulheres pudessem ter mais experiências, e assim, talvez se pudesse responder a questão do que seria uma mulher:

Em outras palavras, agora que tinha se livrado da falsidade, a moça só tinha de ser ela mesma. Ah, mas o que é “ela mesma”? Quer dizer, o que é uma

mulher? Juro que não sei. E duvido que vocês saibam. Duvido que alguém possa dizer, enquanto ela não se expressar em todas as artes e profissões abertas as capacidades humanas. E de fato esta é uma das razões pelas quais estou aqui, em respeito a vocês, que estão nos mostrando com suas experiências o que é uma mulher, que estão nos dando, com seus fracassos e sucessos, essa informação da maior importância. (Woolf, p.14. 2012)

Findada a guerra, nesse contexto conflituoso entre voltar aos apelos do lar ou prosseguir num caminho de vida mais ativa publicamente, as condições de possibilidades das mulheres foram se modificando também pelas novas necessidades do mercado capitalista, daí também os apelos de Virginia Woolf para a “renda própria”, em uma sociedade capitalista era a maneira de se associar liberdade, o que era uma possibilidade nova na história das mulheres:

O desenvolvimento dos empregos terciários, prestes a tornarem-se o lugar privilegiado da actividade feminina, no comércio, nos bancos, nos serviços públicos e mesmo nas profissões liberais, que se abrem mais amplamente às mulheres. Na Grã-Bretanha, graças aos Sex Disqualification Removal Acts (1919) que Virginia Woolf saúda, em *Três Guinéus*, como a aurora de um novo mundo para <as filhas de homens cultos>. [...] A par do receio do celibato e dos revezes da fortuna nas classes médias, esta feminização do terciário permite às jovens da burguesia exercer uma profissão e obter um relativo direito ao trabalho. (THEBAUD, 1991, p.82)

2.2 Virginia Woolf sobre a história

Pois que revelação mais terrível que a de sentir que este é o momento presente? Se sobrevivemos ao choque, é apenas porque

o passado nos ampara de um lado

e o futuro do outro. (WOOLF, *Orlando*, p.168)

Um Teto Todo Seu (1929) foi elaborado, como já referido, pela primeira vez como um discurso a ser proferido para uma audiência de universitárias das faculdades de Girton e Farnham, em 1928. Neste momento o título do trabalho era “A mulher e a ficção”, revisitando as ideias ali elaboradas e ampliando a escrita, Woolf publica como ensaio em 1929, agora um texto longo, de mais de cem páginas e dividido em seis capítulos. Busco analisar como ela vai desenhando seu entendimento de história, ao longo do ensaio, para com isso elaborar sua contra proposta, que busca fazer da mulher um sujeito histórico.

Na abertura do primeiro capítulo, Woolf começa por tentar definir o tema de seu assunto, ou em linguagem histórica, seu objeto de pesquisa, e a maneira, seu método, como ela pretende abordá-lo (talvez, uma proximidade com a narrativa disciplinada da história):

O título “As mulheres e a ficção” poderia significar – e talvez vocês assim o quisessem – a mulher e como ela é: ou poderia significar a mulher e a ficção que ela escreve; ou poderia significar a mulher e a ficção escrita sobre ela; ou talvez quisesse dizer que, de algum modo, todos os três estão inevitavelmente associados, e vocês desejariam que eu os examinasse sob esse ângulo [...] Tudo o que poderia fazer seria oferecer-lhes uma opinião acerca de um aspecto insignificante: a mulher precisa ter dinheiro e um teto todo dela se pretende mesmo escrever ficção; e isso, como vocês irão ver, deixa sem solução o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção [...] Pode-se apenas dar à platéia a oportunidade de tirar as próprias conclusões, enquanto observa as limitações, os preconceitos e as idiossincrasias do orador. (WOOLF, 1929, p. 7-8)

Definidos o tema e o objetivo, Woolf vai se afastar da metodologia “científica”, pois, vai confessar que será necessário recorrer ao recurso da ficção para alcançar o que planeja:

Não preciso dizer que o que estou prestes a descrever não tem existência: Oxbridge é uma invenção, assim como Fernham; “eu” é apenas um termo conveniente para alguém desprovido de existência real. Mentiras fluirão de meus lábios, mas talvez possa haver alguma verdade no meio delas; cabe a vocês buscar essa verdade e decidir se vale a pena conservar algo dela. (WOOLF, 1929, p.8-9)

Pretendo demonstrar que o plano de Virginia Woolf estava intimamente ligado com a dimensão do tempo, a partir da problemática “a mulher e a ficção”, ou, como podemos entender, “como puderam as mulheres escrever?” visava criar imagens das mulheres no passado, “obscurecidas” pela historiografia de sua época, para assim, lhes dar formas de compreenderem o seu presente, visando à compreensão de como a sociedade ainda era profundamente desigual para elas. Woolf em seu diário afirma que gostaria de escrever uma história do movimento feminista, também afirma que gostaria de escrever uma história dos “obscuros”¹², termo que ela utiliza como sinônimo para mulher em *Um teto todo seu*. Ainda que ela tenha se afastado de uma análise do movimento feminista, no ensaio sua preocupação é com um regaste das mulheres na história, tanto na história passada quanto na história presente. Ela recorre assim ao

¹²“Eu devo escrever memórias, eu já tenho um plano de conseguir manuscritos históricos e escrever *As Vidas dos Obscuros*.” (WOOLF, 1954. p.107)

passado, para compreender o presente e prognosticar possibilidades para o futuro, a partir de um rompimento com as diferenças entre os sexos, com uma ampliação nas possibilidades de experiência das mulheres, numa condição de igualdade com os homens: “Com cada novo futuro, surgem novos passados” (KOSELLECK, 2013, p.202).

Contudo, o lugar de fala de Woolf sobre a história, será um lugar deslegitimado. Conforme o estudo de Bonnie Smith, no momento em que Woolf escreve sobre as mulheres e o passado, a escrita das mulheres sobre a história já tinha sido considerada apenas amadorística e, portanto, desconsiderada pela historiografia profissional:

A prestigiada história profissional baseada na reflexão profunda e em importantes tópicos políticos era para homens, enquanto as mulheres “amadoras” buscavam um modo mais “superficial” de escrever sobre o passado [...] Acreditamos saber o que é a história superficial e amadorística. Mas de fato sabemos? Dois sentidos do que era “trivial” e “inferior” dão subsídios a esta discussão. A literatura amadora passou a ser vista como de certa forma apropriada para mulheres – mulheres que ganhavam a vida escrevendo para o mercado, fora das mais exclusivas instituições profissionais de história [...] As mulheres eram a quintessência do amadorismo, que se envolviam com o mercado, os homens, os profissionais apropriados, que serviam a fins mais elevados. (SMITH, 2003, p.24-25)

Penso que Woolf, quando tratamos de sua carreira como ensaísta, tem características em comum com estas historiadoras amadoras analisadas por Smith. *Um teto todo seu*, pode ser lido como uma escrita sobre a história a partir de uma autoria feminina e não profissional. Woolf, não possuía formação acadêmica ou tinha frequentando seminários de pesquisa. Sua escrita é a partir de leituras e reflexões sobre a história e a literatura feitas de forma autônoma. Ainda que o papel de seu pai na sua educação também deve ser levado em consideração, pois, ele era um crítico e biógrafo que também escrevia sobre história. Porém, Woolf ao falar da sua educação e de seu pai em *Memórias de uma filha: Leslie Stephen, o filósofo em casa* (1932), menciona que ele permitia que ela lesse qualquer livro de sua biblioteca, mas não faz nenhuma referência que ele lhe desse aulas ou mesmo comentasse suas leituras com ela. Em seu diário, Woolf afirma que se seu pai ainda fosse vivo, ela não teria se tornado uma escritora. Assim, podemos imaginar que ela não era impedida, mas também não era incentivada a ler ou escrever.

Sua escrita sobre a história vai ser então, diferente da praticada pelos historiadores profissionais de seu tempo. Sua narrativa não vai acompanhar uma

cronologia, vai se caracterizar por movimentos que recorrerem ao passado, ao presente e ao futuro. Com idas e voltas, não lineares, entre os tempos. Tem como início, o seu presente, narrando como ela (ou a personagem “eu” criada para o ensaio) é recebida ao visitar um campus universitário:

Seu rosto revelava horror e indignação. O instinto, mais que a razão veio em meu auxílio: ele era um Bedel; eu era uma mulher. Aqui era o gramado; a trilha era lá. Somente os Fellows e os Estudantes têm permissão de estar aqui; meu lugar é no cascalho [...] Nesse ponto, eu já estava na porta de entrada da própria biblioteca. Devo tê-la aberto, pois instantaneamente surgiu dali, como um anjo da guarda a barrar o caminho com um agitar de túnica negra, e não de asas brancas, um cavalheiro súplice, grisalho e gentil, que lamentou em voz baixa, e fez-me sinais para que saísse, porque as damas só eram admitidas na biblioteca acompanhadas por um Fellow da faculdade ou providas de uma carta de apresentação [...] Quando me encostei no muro, a universidade pareceu-me de fato um santuário onde se preservavam tipos raros, que logo se tornariam obsoletos se deixados a lutar pela existência nas calçadas do Strand (WOOLF, 1985, p. 10 - 13).

Incomodada com a recepção, ou melhor, a lembrança de seu lugar naquele espaço, Woolf “sai” do presente para imaginar como foi à construção daquele local, como que a Universidade tornou-se aquele lugar de poder, um poder negado a ela:

Um dia, presumivelmente, esse pátio quadrangular com seus gramados macios, os sólidos edifícios e a própria capela foram também um charco, onde a relva ondulava e os porcos fuçavam. Juntas de cavalos e bois, pensei eu, devem ter puxado as pedras em carroças desde condados distantes, e depois, exaustivamente, os blocos cinzentos, a cuja sombra eu me detinha agora, foram sendo depositados uns sobre os outros, e depois os pintores trouxeram os vidros para as janelas e os pedreiros trabalharam com afincos séculos a fio naquele telhado, com estuque e cimento, pá e colher [...] Mas estávamos então na idade da fé, e o dinheiro era generosamente derramado para se assentarem essas pedras em fundações profundas, e, quando se levantaram as pedras, mais dinheiro ainda nelas se derramou dos cofres de reis e rainhas e nobres ilustres, como garantia de que aqui se cantariam hinos e se instruíam estudantes. Concederam-se terras, pagaram-se dízimos. E quando terminou a idade da fé e veio a idade da razão, o mesmo jorro de ouro e prata prosseguiu – fellowships foram instituídas e dotadas de docências-livres; só que, agora, o ouro e a prata jorravam não dos cofres do rei, mas das arcas de comerciantes e industriais, das carteiras de homens que tinham feito, digamos, fortuna na indústria e, em seu testamento, restituíam generosa parcela para favorecer mais cátedras, mais docências-livres e mais fellowships à universidade onde haviam aprendido seu ofício (WOOLF, 1985, p.14-15).

Ela irá voltar novamente para a questão da universidade, quando tratará da abertura do ensino superior para as mulheres, através de anos de luta delas. Mas ela já deixa perceber o caráter masculino daquele espaço nessas primeiras observações. De volta ao presente, Woolf narra a participação, durante a visita de sua personagem-eu, de

um almoço na universidade. Ali, ela repara que algo está diferente na relação das pessoas e ao especular o que, traz o tema da guerra, a passagem de todos pela experiência da Grande Guerra (1914-1918):

Mas o que estava faltando, o que parecia diferente?, perguntei a mim mesma, enquanto ouvia a conversa. E, para responder a essa pergunta, tive de deixar a sala em pensamento, recuar até o passado, antes da guerra, na verdade, e pôr diante de meus olhos a imagem de outro almoço realizado em locais não muito distantes destes, mas diferentes. Tudo era diferente. [...] Antes da guerra, num almoço como esse, as pessoas diriam precisamente as mesmas coisas, mas elas teriam soado diferente, pois, naqueles dias, eram acompanhadas de uma espécie de cantarolar, não articulado, mas musical, excitante, que alterava o valor das próprias palavras. [...] Devemos responsabilizar a guerra? Quando os canhões dispararam em agosto de 1914, será que o rosto dos homens e das mulheres pareceu tão feioso aos olhos uns dos outros a ponto de matar o romantismo? Há de se ter sido um choque (particularmente para as mulheres, com suas ilusões sobre educação, e assim por diante) ver o rosto de nossos governantes à luz do fogo de artilharia. Tão feios eram eles – os alemães, os ingleses, os franceses –, tão estúpidos! (WOOLF, 1985, p.17-21).

Diante do incomensurável, os efeitos da guerra podiam ser sentidos, mas eram difíceis de serem analisados, Woolf questiona a realidade, a compreensão da realidade, o caráter da verdade e da ficção: “Sim, de fato, qual era a verdade e qual era a ilusão?, perguntei a mim mesma (WOOLF, 1985, p.21)”. Minha compreensão de sua escrita neste ensaio é que um de seus objetivos era demonstrar que a ficção também serve para se dizer a verdade, e que a história (entendida como discurso da verdade) também serve para se dizer a mentira. Assim, ela ironiza (figura de linguagem a que ela recorre com frequência): “A ficção deve ater-se aos fatos, e, quanto mais verdadeiros os fatos, melhor a ficção – é o que dizem (WOOLF, 1985, p.22)”.

De volta a sua realidade presente, ou realidade imaginada como presente na narrativa, a personagem-eu, volta a narrar sobre o seu sentimento de inconveniência no espaço universitário; assim, em uma conversa com outra personagem, não por acaso, outra mulher, ambas falam francamente e temos uma breve narrativa de como foi a luta das mulheres para ocuparem aquele espaço:

E caberia a uma convidada, uma estranha (pois eu não tinha mais direitos aqui em Femham do que em Trinity ou Somerville ou Girton ou Newnham ou Christchurch), e dizer: “O jantar não estava bom”, ou dizer (estávamos agora, Mary Seton e eu, em sua sala de estar): “Não poderíamos ter jantado aqui sozinhas?”, pois, se eu dissesse qualquer coisa do gênero, estaria bisbilhotando e também me intrometendo na administração secreta de uma casa que, para um estranho, ostenta uma fachada tão distinta de alegria e coragem. Não, não era possível dizer nada parecido [...] Bem, disse Mary Seton, por volta de 1860... Ah, mas você conhece a história, interrompeu-se,

entendiada, ao que suponho, pela narrativa. E me contou: alugaram quartos. Houve reuniões de comitês. Endereçaram envelopes. Rascunharam circulares. Realizaram reuniões; leram cartas; fulano de tal prometeu tanto; o Sr.... , ao contrário, recusa-se a dar um centavo. O Saturday Review foi muito rude. Como podemos levantar fundos para pagar por escritórios? Devemos promover um bazar de caridade? Será que não conseguiremos uma jovem bonita pra sentar-se na primeira fila? Vamos ver o que disse John Stuart Mill sobre o assunto. Será que alguém consegue convencer o editor do... a publicar uma carta? Podemos fazer com que a Lady.... a assine? Lady... está fora da cidade. Foi desse modo que a coisa se fez, presumivelmente, sessenta anos atrás, e foi um esforço prodigioso, e muito tempo se despendeu nisso. E somente depois de uma longa luta e com a mais extrema dificuldade é que elas conseguiram reunir trinta mil libras (WOOLF, 1985, p. 25-27).

Acho possível que Woolf tenha escrito este ensaio com um objetivo diferente da sua escrita crítica de “grandes” obras ou seus romances e contos literários. O uso de uma linguagem mais “objetiva” e reafirmadora de suas intenções pode ter como alvo um público mais amplo, possivelmente de mulheres, sem educação formal, como ela mesma.¹³ Contudo, na passagem acima, vemos uma característica de sua obra literária, o “fluxo de consciência”, essa passagem da narradora de uma “mente” para outra, onde as ideias e sensações assumem a ação do que está sendo narrado.

Complementando a narrativa sobre as mulheres que lutaram pela abertura da universidade ao sexo feminino, Woolf faz uso da nota de rodapé (ela recorre outras vezes ao seu uso ao longo do ensaio), trazendo assim uma referência documental para a sua imaginação de como os acontecimentos teriam se passado. Colocando em prática, a sua intenção de usar da ficção para dizer verdades:

Dizem-nos que devemos pedir pelo menos trinta mil libras. (...) Não é uma grande soma, considerando –se que haverá apenas uma faculdade desse tipo para a Grã-Bretanha, a Irlanda e as colônias, e considerando-se quanto é fácil levantar somas imensas para escolas de rapazes. No entanto, considerando o número tão pequeno de pessoas realmente desejosas de que as mulheres sejam instruídas, é um bom negócio. ”Lady Stephen, Emily Davies and Girton College (N. da A.)(WOOLF, 1985, p.27).

É preciso lembrar que Woolf pode ter escrito se afastando de uma narrativa “disciplinada” sobre o passado, contudo, ela também era influenciada por esta história, como leitora dela. Assim ela ficcionaliza para aumentar a compreensão dos fatos, para tornar o passado uma experiência. Ou seja, ela acredita na verdade dos fatos, não sem questionamentos ou dúvidas, ela acusa a historia muitas vezes de mentir, mas ela

¹³ Talvez um projeto parecido com o de Marx e Engels ao escreverem o *Manifesto Comunista* (1848), uma escrita visando a compreensão das pessoas oprimidas da sua condição de submissão: “Aquilo que é válido para a consciência nacional burguesa Marx e Engels tentaram conquistar também para a consciência de classe dos trabalhadores, a ser desdobrada por meio da reflexão histórica. (KOSELLECK, 2013, p. 190). Marx e Engels apontaram os grilhões do capitalismo, Woolf os grilhões do patriarcado.

acredita na comunicabilidade da experiência, no aprendizado com o passado, quando ele narra a “verdade”. Aqui ela se aproxima do regime historiográfico de seu tempo, como caracterizado por Hartog como “regime moderno”. Continuando a “pensar” sobre a condição das mulheres, a narradora usa do recurso de um documento (de uma foto) para pensar sobre a vida das mulheres. Mas, ao não ter certeza de se tratar da personagem que ela procura imaginar a vida, e isso não a impede de continuar a imaginar, mostra que ela não está preocupada com a veracidade de suas provas, mas com o poder da sugestão das evidências:

A mãe de Mary – se é que aquele era seu retrato – talvez tivesse sido uma esbanjadora nas horas vagas (teve treze filhos de um pastor de igreja), mas, se assim foi, a vida alegre e dissoluta lhe havia deixado muito poucos traços de seus prazeres no rosto [...] Agora, se ela tivesse entrado no mundo dos negócios; se tivesse se tornado fabricante de seda artificial ou magnata da Bolsa de Valores; se tivesse deixado duzentas ou trezentas mil libras para Fernham, poderíamos ter-nos sentado à vontade essa noite e talvez o assunto de nossa conversa tivesse sido arqueologia, botânica, antropologia, física, a natureza do átomo, matemática, astronomia, a relatividade ou geografia. Se apenas a Sra. Seton e sua mãe e a mãe de sua mãe tivessem aprendido a grande arte de ganhar dinheiro e tivessem deixado seu dinheiro, para instituir fellowships e docências-livres e prêmios e bolsas de estudo apropriadas para o uso dos membros de seu próprio sexo, poderíamos ter antecipado, sem indevida confiança, uma vida agradável e honrada no refúgio de uma das profissões generosamente beneficiadas. Poderíamos ter estado explorando ou escrevendo; vagueado pelos lugares veneráveis da Terra; sentado, contemplativas, nos degraus do Partenon, ou ido para um escritório às dez da manhã e voltado tranquilamente para casa às quatro e meia para escrever um pouco de poesia. (WOOLF, 1985, p.28-29)

Ao refletir sobre as condições de vida das mulheres, Woolf compreende porque elas não puderam investir na educação de suas filhas. O que a leva a acreditar que a maneira de que tivesse sobrado recursos às mulheres seria a não constituição de família:

Pois fazer doações para uma faculdade exigiria a completa eliminação de famílias. Fazer fortuna e ter treze filhos... nenhum ser humano suportaria isso. Examinemos os fatos, dissemos. Primeiro, são os nove meses, antes de o bebê nascer. Então o bebê nasce. Depois que o bebê é amamentado, há sem dúvida uns cinco anos gastos em brincadeiras com o bebê. (WOOLF, 1985, p.29)

Após a conclusão radical, a narradora questiona a outra personagem sobre como seria a sua vida (a vida de todas as crianças...) se sua mãe estivesse fora de casa ganhando dinheiro. E ao enumerar as atividades que possivelmente a mãe da personagem tivesse desempenhado com os filhos, vemos como as mulheres fizeram

parte do passado, como elas desempenharam esse papel de transmitir a tradição ao serem as responsáveis pela criação das futuras gerações:

Se a Sra. Seton, disse eu, tivesse empregado seu tempo ganhando dinheiro, que tipo de recordações você teria tido de brincadeiras e brigas? O que teria sabido da Escócia, de seu ar puro e dos bolos e tudo o mais? Mas é inútil fazer essas perguntas, porque você nunca teria existido. Além disso, é igualmente inútil perguntar o que teria acontecido se a Sra. Seton e sua mãe, e a mãe de sua mãe, tivessem acumulado uma grande riqueza e a tivessem depositado aos cuidados das fundações e da faculdade e da biblioteca, porque, em primeiro lugar, lhes era impossível ganhar dinheiro e, em segundo, se tivesse sido possível, a lei lhes negava o direito de possuírem qualquer dinheiro ganho. Só nos últimos quarenta e oito anos é que a Sra. Seton pôde ter algum centavo de seu. (WOOLF, 1985, p.29-30)

Woolf termina o primeiro capítulo desenhando a partir das observações feitas até ali, a questão que ela irá continuar analisando no ensaio. O peso da tradição (e o da falta dela), a condição de pobreza material e intelectual as quais as mulheres foram submetidas, e os efeitos dessas condições para a literatura de autoria feminina:

Fiquei pensando por que foi que a sra. Seton não teve dinheiro algum para nos deixar; e que efeito exerce a pobreza na mente; e que efeito exerce a riqueza na mente; e pensei nos curiosos cavalheiros de idade com tufos de pele nos ombros que vira essa manhã; e lembre-me de como, se alguém assobiasse, um deles corria; e pensei no órgão ressoando na capela e nas portas fechadas da biblioteca; e pensei em como é desagradável ser trancada do lado de fora; e pensei em como talvez seja pior ser trancada do lado de dentro; e, pensando na segurança e na prosperidade de um sexo e na pobreza e na insegurança do outro, e no efeito da tradição e na falta de tradição sobre a mente de um escritor (WOOLF, 1985, p.31)

No segundo capítulo vemos a iniciativa da narradora-personagem de começar uma pesquisa “séria” sobre as questões levantadas. Ela irá recorrer à história para compreender a situação das mulheres:

Pois a visita a Oxbridge e o almoço e o jantar tinham dado início a um enxame de perguntas. Por que os homens bebiam vinho e as mulheres, água? Por que um sexo era tão próspero e o outro, tão pobre? Que efeito tinha a pobreza na ficção? Quais as condições necessárias para a criação de obras de arte? – faziam –se mil perguntas a um só tempo. Mas era preciso obter respostas, não perguntas; e uma resposta só poderia ser obtida consultando-se os sábios e os imparciais que se haviam colocado acima das contendas verbais e confusões do corpo, emitindo o resultado de seu raciocínio e de suas pesquisas em livros que podem ser encontrados no Museu Britânico. Se a verdade não puder ser encontrada nas prateleiras do Museu Britânico, onde, perguntei a mim mesma, apanhando o lápis e caderno de notas, estará a verdade? (WOOLF, 1985, p.32-33)

As primeiras observações da pesquisa são quanto ao surpreendente número de obras dedicados a questão da mulher, porém, desde o início Woolf atenta para o caráter destas publicações e a para a autoria delas:

Têm alguma noção de quantos são escritos por homens? [...] homens sem qualificação aparente, salvo o fato de não serem mulheres. Alguns desses livros eram, a julgar pela aparência, frívolos e jocosos; mas muitos, por outro lado, eram sérios proféticos, moralistas e exortários. (WOOLF, 1985, p. 34 - 35)

Diante da massa documental, Woolf reconhece os limites da sua capacidade de pesquisa, não sem ironizar o preparo do pesquisador profissional:

Imediatamente começaram os problemas. Um estudante treinado em pesquisa em Oxbridge terá, sem dúvida, algum método para orientar sua indagação vencendo todas as perplexidades até alcançar as respostas, tal como a ovelha alcança o seu aprisco. O estudante a meu lado, por exemplo, que copiava diligentemente um manual científico, estava, eu tinha certeza, extraindo puras pepitas do minério essencial a cada dez minutos, mais ou menos. (WOOLF, 1985, p.36)

Reconhecendo seu amadorismo, contudo, como suas antecessoras, ela continua sua pesquisa e se depara com a forma com a qual a mulher era abordada pela literatura, pela historiografia, pela filosofia, pela biologia:

“Situação das, na Idade Média,
Hábitos das, nas ilhas Fiji,
Adoradas como deusas por,
Mais fracos do que, no sentido moral,
Idealismo das,
Maior consciência das,
Ilhoas dos mares do sul, idade da puberdade
entre,
Atratividade das,
Oferecidas em sacrifício a,
Pequeno volume cerebral das,
Subconsciência mais profunda das,
Menos pêlos no corpo das,
Inferioridade mental, moral e física das,
Amor aos filhos nas,
Musculatura mais fraca das,
Resistência às afecções das,
Intensidade dos afetos das,
Vaidade das,
Educação superior das,
Opinião de Shakespeare sobre,
Opinião de Lorde Birkenhead sobre,
Opinião do deão Inge sobre,
Opinião de La Bruyère sobre,
Opinião do dr. Johnson sobre,
Opinião do sr. Oscar Browningsobre.”

Nesse ponto, respirei fundo e, de fato, acrescentei à margem: Por que Samuel Butler afirma que “Os homens sábios nunca dizem o que pensam sobre as mulheres”? Os homens sábios aparentemente nunca dizem outra coisa [...] Alguns sábios asseguraram que elas são mais vazias de cabeça; outros, que têm uma consciência mais profunda. Goethe exaltou-as; Mussolini desprezou-as. Para onde quer que se olhasse, os homens pensavam nas mulheres, e pensavam diferentemente. (WOOLF, 1985, p. 37-39)

Muito da força da sua narrativa é o seu grande poder de sugestão, Woolf não problematiza, e talvez não precise, mas o que ela demonstra é o caráter de objeto com o qual a mulher era retratada pelo discurso histórico. Um dado estatístico, um ser opinado por homens, não um sujeito de ação. Quando Woolf irá encorajar as mulheres para que elas reescrevam a história, buscando mudar este quadro, ela deseja que se retrate a mulher como um sujeito de ação, que se busque pelas suas experiências com e no tempo. Assim, ela resume a forma como a mulher era abordada e a inutilidade daquelas informações, constatando a pobreza da representação da mulher:

Não havia possibilidade de eu ir para casa, refleti, e acrescentar, como uma contribuição séria ao estudo das mulheres e à ficção, que as mulheres têm menos pêlos no corpo do que os homens, e que a puberdade entre as ilhoas dos mares do sul se limita aos nove anos – ou será noventa? – até, a grafia, em sua confusão, tornara-se indecifrável. [...] E, se não consegui captar a verdade sobre M. (como passara a chamá-la, a bem da concisão) no passado, por que me incomodar com M. no futuro? Parecia pura perda de tempo consultar todos aqueles cavalheiros que se especializam na mulher e no efeito dela sobre o que quer que possa ser – política, filhos, salários, moral -, por mais numerosos e doutos que sejam. Mais valeria deixar seus livros fechados. (WOOLF, 1985, p.39)

Woolf passa a procurar compreender o porquê das mulheres serem representadas de forma tão vazia, e ela chega a questão da relação de inferioridade das mulheres com os homens na sociedade e do poder que os homens tinham ao dominarem o discurso sobre as mulheres:

Qualquer que seja a razão. Todos esses livros, pensei inspecionando a pilha sobre a escrivainha, são imprestáveis para meus fins. Quer dizer eram imprestáveis cientificamente, embora, em termos humanos, estivessem repletos de ensinamentos, interesse, tédio e fatos muito curiosos sobre os hábitos das ilhoas de Fiji. Tinham sido escritos à rubra luz da emoção, não à branca luz da verdade. Portanto, deviam ser devolvidos à mesa central e repostos cada qual no próprio alvéolo do imenso favo de mel. Tudo o que eu havia recuperado do trabalho naquela manhã fora o dado sobre a raiva. Os professores – assim eu os tinha agrupado – estavam enraivecidos. Mas por quê?, perguntei a mim mesma depois de devolver os livros, por quê?, repeti, de pé sob a colunata, entre os pombos e as canoas pré-históricas, por que estariam zangados? E, formulando para mim mesma essa pergunta, fui-me afastando à procura de um local para almoçar. Qual é a natureza real do que, por ora, chamo de raiva deles?, indaguei. Aí estava um quebra-cabeça que duraria todo o tempo que se leva para ser servido num pequeno restaurante

das proximidades do Museu Britânico. Algum freguês anterior tinha deixado a edição do meio-dia do jornal vespertino sobre uma cadeira e, enquanto esperava ser atendida, comecei displicentemente a ler as manchetes. Uma manchete de tipos muito grande atravessa a página. Alguém marcara um grande tento na África do Sul. Manchete menores anunciavam que Sir Austen Chamberlain estava em Genebra. Um cutelo com fios de cabelo humano fora encontrado num porão. O senhor juiz... tecera comentários no Tribunal de Divórcios sobre o descaramento das mulheres. Espalhadas por todo o jornal vinham outras notícias. Uma atriz de cinema fora lançada de um pico na Califórnia e deixada suspensa no ar. O tempo ia ficar nublado. O mais transitório dos visitantes desse planeta, pensei, que apanhasse esse jornal não poderia deixar de perceber, mesmo a partir desse testemunho disperso, que a Inglaterra está sob o domínio de um patriarcado. Ninguém de posse de suas faculdades poderia deixar de detectar a dominação do professor. Dele eram o poder, o dinheiro e a influência. Era ele o proprietário do jornal e seu redator e redator-assistente. Ele era o ministro do Exterior e o juiz. Era o jogador de críquete, era o proprietário dos cavalos de corrida e dos iates. Era o diretor da empresa que paga duzentos por cento a seus acionistas. Deixava milhões para instituições de caridade e universidade que ele mesmo dirigia [...] Se ele tivesse escrito imparcialmente sobre as mulheres, se tivesse usado provas inquestionáveis para estabelecer sua argumentação e não tivesse demonstrado sinal algum de desejar que o resultado fosse uma coisa e não outra, ninguém teria ficado com raiva também. Ter-se-ia aceitado o fato, como se aceita o fato de que a ervilha é verde e o canário, amarelo. Pois que seja assim, eu teria dito. Mas eu ficara com raiva porque ele estava com raiva. (WOOLF, 1985, p.41-43)

Nessa passagem vemos como a questão da representação no discurso tem um peso na vida prática, o discurso legitima e representa a relação de inferioridade das mulheres na sociedade, sociedade que por essa relação Woolf classifica (ainda) como patriarcal. Podemos entender que ela questiona a legitimidade e a veracidade desse discurso.

A partir do diagnóstico que Woolf faz do poder masculino de elaborar a representação das mulheres, que serve para mantê-las em lugares sociais diferentes dos seus, ela também nos dá um testemunho de seu presente:

A vida, para ambos os sexos – e olhei para eles a abrirem caminho, às cotoveladas, pela calçada -, é árdua, difícil, uma luta perpétua. Ela exige coragem e força gigantescas. Mais que tudo, talvez sendo, como somos, criaturas da ilusão, ela exige autoconfiança. Sem a autoconfiança, somos como bebês no berço. E como podemos gerar essa qualidade imponderável, e apesar disso tão inestimável, da maneira mais rápida? Pensando que as outras pessoas são inferiores a nós mesmos. Sentindo que temos alguma superioridade inata – pode ser riqueza ou posição social, um nariz afilado ou o retrato de um avô pintado por Romney -, pois, não há limite para os patéticos recursos da imaginação humana... sobre as outras pessoas. Daí a enorme importância para um patriarca que tem que conquistar, que tem que dominar, de sentir que um grande número de pessoas, a rigor, metade da raça humana lhe é por natureza inferior. (WOOLF, 1985, p.44)

Woolf aborda também a questão da simbologia de incutir uma inferioridade às mulheres, como elas funcionavam como um “espelho” que refletiria a grandeza dos homens. Ao aludir às guerras, Woolf talvez faça referência a outro espelho do ego masculino, a história:

Em todos esses séculos, as mulheres têm servido de espelhos dotados do mágico e delicioso poder de refletir a figura do homem com o dobro de seu tamanho natural. Sem esse poder, a Terra provavelmente ainda seria pântano e selva. As glórias de todas as nossas guerras seriam desconhecidas. (WOOLF, 1985, p.45)

Ela menciona também a grande conquista política das mulheres de sua época, o direito ao voto. Contudo, para ela, aquele direito de representatividade não era mais importante do que o acontecimento de ter recebido uma herança e assim ter conquistado a sua independência prática. Ela também “aproveita” para resumir quais eram as possibilidades de trabalho para as mulheres:

A notícia da herança chegou certa noite quase simultaneamente com a da aprovação do decreto que deu o voto às mulheres. A carta de um advogado caiu na caixa do correio e, quando a abri, descobri que ela me havia deixado quinhentas libras anuais até o fim da minha vida. Dos dois – o voto e o dinheiro –, o dinheiro, devo admitir, pareceu-me infinitamente mais importante. Antes disso, eu ganhara a vida mendigando trabalhos esporádicos nos jornais, fazendo reportagens sobre um espetáculo de burros aqui ou um casamento ali; ganhara algumas libras endereçando envelopes, lendo para senhoras idosas, fazendo flores artificiais, ensinando o alfabeto a crianças pequenas num jardim de infância. Tais eram as principais ocupações abertas às mulheres antes de 1918 (WOOLF, 1985, p.47).

Com um olhar social para a questão das mulheres, ela se refere a classes e a pressão do sistema na vida das pessoas, o que talvez a tenha mantido um tanto afastada de outras feministas, que davam mais ênfase na culpa dos homens na opressão das mulheres. Woolf busca compreender as relações sociais:

Era absurdo responsabilizar qualquer classe ou qualquer sexo como um todo. As grandes massas nunca são responsáveis pelo que fazem. São impelidos por instintos que não estão sob seu controle. Também eles – os patriarcas, os professores – tiveram dificuldades infindáveis, terríveis obstáculos contra o que lutar. Sua educação, em alguns aspectos, fora tão falha quanto a minha própria. Gerara neles falhas igualmente grandes. Sim, é verdade, eles tinham dinheiro e poder, mas somente ao preço de abrigarem no peito uma águia, um abutre, eternamente a arrancar-lhes o fígado e bicar-lhes os pulmões – o instinto de posse, o furor de aquisição que os impele perpetuamente a desejar as propriedades e os bens alheios; a fazer fronteiras e bandeiras, navios de guerra e gás venenoso; a oferecer a própria vida e a vida dos filhos. Passem pelo Admiralty Arch (eu havia alcançado esse monumento), ou por qualquer

outra avenida dedicada aos troféus e ao canhão, e reflitam sobre o tipo de glória ali celebrada. Ou observem, ao sol da primavera, o corretor de ações e o grande advogado encerrarem-se em ambientes fechados para ganhar mais e mais dinheiro, quando é fato que quinhentas libras anuais mantêm um sujeito vivo sob o sol. São instintos desagradáveis de abrigar, refleti. São fruto das condições de vida, da falta de civilização, pensei eu, olhando para a estátua do duque de Cambridge e, em particular, para as plumas de tricorne, com uma fixidez que elas dificilmente terão recebido antes (WOOLF, 1985, p.48-49).

Ela reflete, assim, sobre a necessidade de autoafirmação masculina a partir de um monumento histórico, o que a faz concluir que as mulheres não veriam muito sentido em serem lembradas daquela forma, elas não lutaram nas guerras, não “civilizaram” outros povos. Podemos pensar que ela está aqui também falando da não representação das mulheres na história. Dessa forma, acredito que ela entendia a história, da maneira como era escrita naquele momento, como a experiência masculina no tempo.

Woolf termina o segundo capítulo, após refletir sobre o passado e sobre o presente, se dirigindo ao futuro, projetando assim, um horizonte de expectativas:

Além disso, dentro de cem anos, pensei, alcançando a porta de casa, as mulheres terão deixado de ser o sexo protegido. [...] Todas as suposições fundamentadas nos fatos observados quando as mulheres eram o sexo protegido terão desaparecido – como por exemplo (nesse ponto, um pelotão de soldados desceu a rua marchando), a de que mulheres e padres e jardineiros vivem mais do que as outras pessoas. Retirem-lhes essa proteção, exponham-nas aos mesmos esforços e atividades, façam-nas soldados e marinheiros e maquinistas e estivadores, e as mulheres não morrerão muito mais jovens – e mais depressa – que os homens, ao ponto de as pessoas dizerem: “Hoje vi uma mulher”, da mesma forma que diziam: “Hoje vi um avião”. Tudo pode acontecer quando a feminilidade tiver deixado de ser uma ocupação protegida, pensei ao abrir a porta (WOOLF, 1985, p.50-51).

Woolf inicia o terceiro capítulo ironizando o que até agora tinha conseguido concluir sobre a condição das mulheres no passado, o trecho serve também para que reconheçamos o recorte do seu problema - as mulheres e a escrita - a partir do surgimento da literatura inglesa no século 16:

Melhor seria cerrar as cortinas, deixar as distrações do lado de fora, acender o abajur, abreviar a pesquisa e pedir ao historiador, que registra não opiniões, mas fatos, para descrever sob que condições viviam as mulheres, não em todas as épocas mas, na Inglaterra, digamos, na época de Elizabeth. Pois é um enigma perene a razão por que nenhuma mulher escreveu uma só palavra daquela extraordinária literatura, quando um em cada dois homens, parece, era dotado para canção ou o soneto. Quais eram as condições em que viviam as mulheres? (WOOLF, 1985, p.53).

Segundo Certeau¹⁴, é comum do processo da escrita da história que o pesquisador escolha um tema ao qual ele domine, assim, Woolf como escritora vai direcionar seu questionamento sobre a história a partir da temática da ficção, sua conhecida. Ainda é relevante a definição que ela faz de ficção, não a compreendia como uma completa oposição a realidade (a história?): “é como uma teia de aranha, presa apenas levemente, talvez, mas ainda assim presa à vida pelos quatro cantos” (WOOLF, 1985, p.53).

De volta à história, Woolf retoma sua análise de como o discurso histórico abordava a mulher, aqui a vemos apontar mais diretamente para o caráter da mulher como um objeto deste discurso, não como um sujeito participante da história:

Assim, fui até a prateleira onde estão os livros de história e apanhei um dos mais recentes: a História da Inglaterra, do professor Trevelyan. Mais uma vez, procurei “Mulheres”, encontrei “Posição das”, e fui às páginas indicadas. [...] Apesar disso”, conclui o professor Trevelyan, “nem as mulheres de Shakespeare, nem as das memórias autênticas do século XVII, como as Verneys e as Hutchinsons, parecem carentes de personalidade e caráter.”[...] Atravessa a poesia de uma ponta à outra; por pouco está ausente da história. Domina a vida de reis e conquistadores na ficção; na vida real, era escrava de qualquer rapazola cujos pais lhe enfiassem uma aliança no dedo. Algumas das mais inspiradas palavras, alguns dos mais profundos pensamentos saem-lhe dos lábios na literatura; na vida real, mal sabia ler e escrever e era propriedade do marido. Era certamente um monstro ímpar que se criou lendo-se primeiro os historiadores e depois os poetas – um verme alado qual uma águia; o espírito da vida e da beleza num picadinho de sebo de cozinha. Mas esses monstros, por mais que deleitem a imaginação, não têm existência real. O que se precisaria fazer para trazê-la a vida seria pensar poética e prosaicamente a um só instante, assim mantendo o contato com a realidade.

[...] No entanto, no instante em que se experimenta esse método com a mulher elisabetana, falta um ramo de esclarecimento: somos detidos pela escassez dos fatos. Nada se sabe de pormenorizado, nada de perfeitamente verdadeiro e substancial sobre ela. A história mal chega a mencioná-la. E voltei-me novamente para o professor Trevelyan a fim de ver o que a história significava para ele. [...] “O domínio feudal e os métodos da agricultura de afolhamento... Os cistercienses e a criação de ovelha... As cruzadas... A universidade... A Câmara dos Comuns... A Guerra dos Cem Anos... As Guerras das Rosas... Os sábios do Renascimento... A dissolução dos mosteiros... Luta agrária e religiosa... A origem do poderio marítimo inglês... A armada” [...] Ocasionalmente, faz-se menção a uma mulher em particular, uma Elizabeth ou Mary, uma rainha ou grande dama. Mas por nenhum meio viável as mulheres da classe média, sem o comando de nada além de inteligência e caráter, poderiam ter participado de algum dos grandes movimentos que, reunidos, constituem a visão de passado do historiador (WOOLF, 1985, p. 54-57).

¹⁴ “cada historiador situa o corte inaugurador lá onde para sua investigação, quer dizer, nas fronteiras fixadas pela sua especialidade na disciplina a que pertence” (CERTEAU, 1982, p.22).

Para Hartog o século 19 e 20 vivenciaram o regime moderno de historicidade, momento no qual o discurso histórico assumiu um caráter científico e, teoricamente, objetivista, uma relação de conhecimento sobre o passado pelo passado, uma crença em fatos e verdades, em universalismos e impessoalidades, uma visão de história como processo, um longo caminho ao progresso, ao futuro¹⁵. O complexo do pensamento de Virginia Woolf sobre a história é que ela crítica muito destes pressupostos, entre eles o universalismo (ela se lembra da falta das mulheres, nesse discurso sobre a “humanidade”), ela dúvida seriamente do objetivismo (acusa o discurso histórico e os historiadores de mentirem muitas vezes), e mesmo vê um sentimento de raiva para com as mulheres, uma necessidade de marcar a sua suposta inferioridade (daí a impossibilidade de uma impessoalidade). Porém, ela não rompe completamente com este modelo de pensar a história, ainda que veja brechas nos seus pilares, ela pensa uma reescrita da história pelas mulheres, ainda sobre um dos pilares básicos do regime moderno, os fatos. Ela quer que as mulheres pesquise e narrem os fatos das experiências passadas das mulheres que foram silenciadas pela história. Mas, não quer conhecer estes fatos pelo simples conhecimento do passado, como os historiadores pregavam, mas para que eles sirvam de exemplo para as mulheres, exemplo de como não viverem as suas vidas ou de que por mais duras que sejam as imposições da sociedade, houve mulheres que conseguiram construir uma vida como sujeitas de si mesmas. Assim, ela vê a história como uma possibilidade de representação e ensinamento, um saber que pudesse dar lições para as mulheres do presente. Um saber, assim, prático.

Diante da constatação da representação simplória pela história, a história profissional dos historiadores, Woolf vai sugerir o seu projeto de retomada¹⁶ das mulheres do estudo e da escrita sobre o passado. Reivindicando assim, um lugar de fala, de que as mulheres pudessem falar sobre elas mesmas:

A mulher jamais escreve sobre a própria vida e raramente mantém um diário – existe apenas um punhado de suas cartas. Não deixou peças ou poemas pelos quais possamos julgá-la. O que se deseja, pensei – e por que alguma aluna brilhante de Newnham ou Girton não o fornece? -, é uma massa de informações: com que idade ela se casava; quantos filhos, via de regra, tinha; como era sua casa; se ela dispunha de um quarto próprio, se preparava a

¹⁵“No que respeita à historiografia, a expressão moderno regime significa um período em que o ponto de vista do futuro domina. A palavra-chave é Progresso, História é entendida como processo e tempo como se direcionado a um fim (progressão)” (HARTOG, 2013, p.11).

¹⁶ Se entendermos as historiadoras amadoras como produtoras de saberes sobre o passado, se trataria de uma retomada da atividade de escrita feminina sobre a história.

comida; seria possível que tivesse uma criada? Todos esses fatos estão em algum lugar, presumivelmente nos registros e livros contábeis paroquiais; a vida da mulher média elisabetana deve estar espalhada em algum lugar, disponível para alguém que se preste a recolhê-la e dela fazer um livro. Uma ambição que ultrapassaria minha audácia, pensei, procurando pelas prateleiras os livros que não estavam ali, seria sugerir às alunas dessas famosas universidades que reescrevessem a história, embora deva admitir que, muitas vezes, ela parece um tanto estranha tal como é – irreal, tendenciosa; - mas por que não poderiam elas acrescentar um suplemento à história, dando-lhe, é claro algum nome não conspícuo, de modo que as mulheres pudessem ali figurar sem impropriedade?
(WOOLF, 1985, p.57).

Após, prognosticar um projeto de futuro, no vai e vem entre os tempos em que a autora se movimenta ao longo do ensaio, ela volta para o passado. Cria uma pequena narrativa sobre uma irmã de Shakespeare¹⁷, ela utiliza, assim, de uma metáfora (essa irmã não teve existência real), e a dificuldade de uma jovem em particular de viver (experienciar) o seu talento (ou podemos pensar em desejo de escrever) vira um exemplo, para falar da condição das mulheres no século 16, na Inglaterra, e de como lhes foi inibida a possibilidade de escrever:

teria sido completa e inteiramente impossível a qualquer mulher ter escrito as peças de Shakespeare na época de Shakespeare. Permitam-me imaginar, já que é tão difícil descobrir fatos, o que teria acontecido se Shakespeare tivesse tido uma irmã maravilhosamente dotada, chamada, digamos, Judith. [...] Pegava um livro de vez em quando, talvez algum do irmão, e lia algumas páginas. Mas nessas ocasiões, os pais entravam e lhe diziam que fosse remendar as meias ou cuidar do guisado e que não andasse no mundo da lua com livros e papéis. [...] Como poderia ela desobedecer – lhe? Como poderia partir-lhe o coração? Somente a força do próprio talento levou-a a fazê-lo: fez um pequeno pacote com seus pertences, deixou-se escorregar por uma corda numa noite de verão e tomou a estrada de Londres. [...] Como ele, tinha uma predileção pelo teatro. Ficou à entrada de um; queria representar, disse. Os homens riram-lhe no rosto. O gerente – um homem gordo e falador – soltou uma gargalhada. [...] Finalmente – pois era muito jovem e tinha o rosto singularmente parecido com o do poeta Shakespeare, com os mesmos olhos cinzentos e sobrancelhas arqueadas -, finalmente, o empresário Nick Greene compadeceu-se dela. Judith viu-se grávida desse cavalheiro e então – quem pode medir o fogo e a violência do coração do poeta quando capturado e enredado num corpo de mulher? – matou-se numa noite de inverno, e está enterrada em alguma encruzilhada onde agora param os ônibus em frente ao Elephant and Castle. [...] Não obstante, alguma espécie de talento deve ter existido entre as mulheres, como deve ter existido entre as classes operárias. Vez por outra, uma Emily Brontë, ou um Robert Burns, explode numa chama e prova sua presença. Mas certamente esse talento nunca chegou ao papel. Quando, porém, lemos sobre uma feiticeira atirada às águas, sobre uma

¹⁷ “Louise De Salvo (1989) entende o projeto de Woolf em reconstruir a imagem de Judith Shakespeare, como uma busca épica para uma “mythic mother muse”, nesse caso, Woolf seria a própria Judith Shakespeare, “a sister of us all” mas que diferente dela, que não escreveu uma simples palavra, ela imprime sua marca na literatura e na história, consagrando-se como uma grande escritora”(OLIVEIRA, 2011, p.214-125).

mulher possuída por demônios, sobre uma bruxa que vendia ervas, ou até sobre um homem muito notável que tinha mãe, então penso estarmos na trilha de uma romancista perdida, uma poetisa reprimida, de alguma Jane Austen muda e inglória, alguma Emily Brontë que fazia saltar os miolos no pantanal ou careteava pelas estradas, enlouquecia pela tortura que o talento impunha. De fato, eu me arriscaria a supor que Anônimo, que escreveu tantos poemas sem assiná-los, foi muitas vezes uma mulher. Foi uma mulher que Edward Fitzgerald, creio, sugeriu ter feito as baladas e as cantigas folclóricas, cantarolando-as para seus filhos, distraíndo-se com elas na roda de fiar ou nas longas noites de inverno (WOOLF, 1985, p.59-62).

Woolf não se limita a descrever a situação das mulheres, mas procura explicá-la. Assim, interpreta que a restrição da vida pública das mulheres era devido ao peso que se dava a “pureza”, à necessidade de recato sexual exigida para as mulheres:

pois a castidade pode ser um fetiche inventado por certas sociedades por motivos desconhecidos – mas era, ainda assim, inevitável. A castidade tinha então – e tem ainda agora – importância religiosa na vida de uma mulher, e de tal modo enredou-se em nervos e instintos, que libertar-se dela e trazê-la à luz do dia exige uma coragem das mais raras. Levar uma vida livre na Londres do século XVI teria significado, para uma mulher que fosse poetisa e dramaturga, um colapso nervoso e um dilema que bem poderiam matá-la. [...] Foi o resquício do sentimento de castidade que ditou o anonimato às mulheres até mesmo no século XIX (WOOLF, 1985, p.63).

A questão de se levar em conta o lugar social de que Virginia Woolf escrevia já foi apontada, como forma de problematizar seus projetos em nome de todas as mulheres. Não podemos deixar de levar em consideração que ela pensava em uma história que falasse sobre mulheres como ela, brancas, ocidentais, de classe média, ainda que ela fale do interesse de conhecer a vida das mulheres pobres também. Mas, talvez por um princípio de solidariedade com a condição de todas as mulheres, quando ela fala de uma mulher negra, ainda que europeia e burguesa, ela fala em tom de ironia sobre o fato de que ela não veria necessidade de colonizar essa mulher, como os homens fizeram e faziam na sua época: “Uma das grandes vantagens de ser mulher é que se pode tolerar até mesmo uma linda negra sem querer fazer dela uma inglesa” (WOOLF, 1985, p.64).

Voltando a questão da universidade e do ensino superior para as mulheres, Virginia Woolf cita uma fonte do passado para falar da opinião de um professor universitário que avaliava as primeiras mulheres que foram permitidas na universidade:

O Sr. Oscar Browning foi uma eminente personagem em Cambridge e costumava examinar os alunos de Girton e Newnham. O Sr. Oscar Browning tinha o hábito de declarar “que a impressão deixada em sua mente, após examinar qualquer conjunto de provas, era que, independentemente das notas por ele conferidas, a melhor dentre as mulheres era intelectualmente inferior ao pior dentre os homens”. [...] Haveria sempre aquela afirmativa – você não

pode fazer isto, você é incapaz de fazer aquilo – contra a qual protestar e a ser superada (WOOLF, 1985, p.66-68).

Ela tenta demonstrar a continuidade daquela visão da inferioridade e da incapacidade das mulheres, ao comparar a opinião do professor do passado com a de um crítico de música de seu presente:

E aqui, disse eu abrindo um livro sobre música, temos as mesmas palavras novamente usadas neste ano da graça de 1928, sobre as mulheres que tentam escrever música. “Sobre a Srta. Germaine Tailleferre, pode-se apenas repetir a máxima do Dr. Johnson sobre as mulheres pregadoras, transposta em termos de música: ‘Senhor, a composição de uma mulher é como o andar de um cachorro sobre as patas traseiras. Não é bem feita, mas já surpreende constatar-se que de qualquer modo foi feita’. Com que exatidão a história se repete... (WOOLF, 1985, p.68).

Mostrando estes exemplos da opressão masculina, que inibia e ridicularizava as mulheres, Woolf propõe outra linha de pesquisa para uma história das mulheres. Contudo, atenta para a dificuldade que seria proceder a tal investigação:

A história da oposição dos homens à emancipação das mulheres talvez seja mais interessante do que a história da própria emancipação. Seria possível escrever um livro divertido sobre isso, caso alguma jovem aluna de Girton ou Newham colhessem exemplos e deduzisse uma teoria – mas ela precisaria de luvas grossas nas mãos e de barras de ouro maciço a protegê-la (WOOLF, 1985, p.69).

No quarto capítulo, Woolf traça um panorama das mulheres que conseguiram escrever do século 16 ao século 20 na Inglaterra. Buscando compreender as limitações e condições em que elas escreveram e analisando o quanto estas poderiam ter influenciado nos seus escritos. Chamo este panorama de uma “breve história da literatura feminina inglesa”. Para começar ela diagnóstica a situação das mulheres poetas no século 16 usando da interpretação de monumentos históricos:

Basta pensar nos túmulos elisabetanos, com todas aquelas crianças ajoelhadas, de mãos unidas, e em sua morte prematura, e ver sua casa de cômodos escuros e abarrotados, para perceber que nenhuma mulher poderia ter escrito poesia naquela época (WOOLF, 1985, p.73).

Depois do diagnóstico do século 16, Woolf cita Lady Winchilsea, uma aristocrata que escreve no século 17, mas segundo Woolf com raiva da condição de opressão em que vivia por ser mulher, o que teria prejudicado a sua escrita. Depois a compara com outra mulher da aristocracia, de quem, algumas cartas sobreviveram, e

lamenta que ela não possa ter escrito de forma pública. Insinua que a má fama de Lady Winchilsea teria servido para inibir outras mulheres de escreverem publicamente:

É mil vezes lamentável que uma mulher capaz de escrever assim, cuja mente estava em sintonia com a natureza e a reflexão, tenha sido levada à raiva e à amargura. Mas como poderia ter evitado isso?, perguntei a mim mesma, imaginando as expressões de escárnio e as risadas, a adulação dos bajuladores, o ceticismo do poeta profissional. [...] Ela “deve ter”, digo eu, pois quando se procuram fatos sobre Lady Winchilsea se descobre, como de hábito, que quase nada se sabe sobre ela. [...] E assim, já que nenhuma mulher de bom senso e recato podia escrever livros, Dorothy, que era sensível e melancólica – exatamente o oposto da duquesa em temperamento -, não escreveu nada. As cartas não contam. Uma mulher podia escrever cartas sentada junto ao leito de dor do pai. Podia escrevê-las junto à lareira, enquanto os homens conversavam, sem perturbá-los. O mais estranho, pensei, folheando as páginas das cartas de Dorothy, é o talento que tinha essa jovem solitária e sem instrução para compor uma frase, para moldar uma cena (WOOLF, 1985, p.76 - 79).

Woolf traça uma ruptura na inibição das mulheres de escreverem, ainda que a sociedade continuasse apelando para necessidade da castidade e da reclusão da mulher. Ela vai narrar o caso da escritora Aphra Behn e sugerir mais um tema de pesquisa para a história das mulheres:

E com a sra. Behn dobramos uma esquina muito importante do caminho. [...] A sra. Behn foi uma mulher de classe média com todas as virtudes plebéias do humor, da vitalidade da coragem: uma mulher forçada pela morte do marido e por algumas infelizes aventuras pessoais a ganhar a vida por meio da inteligência. Ela teve que trabalhar em igualdade de condições com os homens. Conseguiu, esforçando-se muito, o bastante para viver. [...] Pois, agora que Aphra Behn o havia conseguido, as moças podiam ir até seus pais e dizer: “Vocês não precisam dar-me uma pensão; posso ganhar dinheiro com minha pena”. É claro que a resposta, por muitos anos seria: “Sim vivendo a vida de Aphra Behn! Melhor a morte.”[...] Sugere-se aqui esse tema profundamente interessante – o valor que os homens atribuem à castidade das mulheres e seu efeito na educação delas – para discussão, que talvez proporcionasse um livro interessante, se qualquer aluna de Girton ou Newnham quisesse estudar o assunto (WOOLF, 1985, p.80-81).

Woolf faz então uma observação que em muito se aproxima com o cenário descrito por Bonnie Smith, quando ela fala sobre as primeiras historiadoras do século 18, mulheres que escreveram relatos de viagem, traduziram Ranke e escreveram biografias sobre a vida de rainhas e romances históricos:

Centenas de mulheres começaram, no decorrer do século XVIII, a contribuir para o pavimento das despesas pessoais ou ir em socorro da família, fazendo traduções ou escrevendo os inúmeros romances de má qualidade que deixaram de ser registrados até mesmo nos compêndios, mas que podem ser obtidos nas caixas de quatro pence na Charing Cross Road. A extrema atividade mental que se revelou entre as mulheres no final do século XVIII – as conversas, reuniões, a redação de ensaios sobre Shakespeare, a tradução

dos clássicos – baseou-se no sólido fato de que as mulheres podiam ganhar dinheiro escrevendo (WOOLF, 1985, p.81-82).

Diante deste cenário de uma efervescência da escrita das mulheres, Woolf aponta a grandiosidade dessa transformação na vida intelectual das mulheres e, compreendo que de forma irônica, sugere que se ela estivesse reescrevendo a história esse acontecimento seria estudado e ganharia um destaque maior que a história das guerras. Interpreto que ela já estava fazendo essa reescrita, por isso, a ironia, ela não diz diretamente que ela mesma estava reescrevendo a história¹⁸ porque ela sabia que seria acusada de não ter autoridade nem legitimidade para fazê-lo:

Assim no término do século XVIII promoveu-se uma mudança que, se eu estivesse reescrevendo a história, descreveria mais integralmente e consideraria de maior importância do que as Cruzadas ou as Guerras das Rosas: a mulher da classe média começou a escrever. Porque, se *Orgulho e preconceito* tem alguma importância, se têm alguma importância *Middlemarch* e *Villette* e *O morro dos ventos uivantes*, então é muito mais importante que eu consigo provar, numa conferência de uma hora, que as mulheres em geral, e não apenas a aristocracia solitária encerrada em sua casa de campo, em meio a seus fôlios e adutores, começaram a gostar de escrever. Sem aquelas precursoras, Jane Austen e as Brontës e George Eliot não teriam tido maior possibilidade de escrever do que teria Shakespeare sem Marlowe, ou Marlowe sem Chaucer, ou Chaucer sem aqueles poetas esquecidos que prepararam o terreno e domaram a selvageria da língua. As obras – primas não são frutos isolados e solitários; são o resultado de muitos anos de pensar em conjunto, de um pensar através do corpo das pessoas, de modo que a experiência da massa está por trás da voz isolada. Jane Austen deveria ter depositado uma coroa de flores na sepultura de Fanny Burney, e George Eliot deveria ter rendido homenagem à sombra resoluta de Eliza Carter – a brava senhora que amarrou uma sineta na armação de sua cama para que pudesse acordar cedo e estudar grego. Todas as mulheres reunidas deveriam derramar flores sobre o túmulo de Aphra Behn, que está, escandalosamente, mas com muita propriedade, na Abadia de Westminster, pois foi ela quem lhes assegurou o direito de dizerem o que pensam (WOOLF, 1985, p.82-83).

Nesta narração Woolf deixa transparecer a sua idéia de construir uma tradição literária feminina ao invocar o símbolo de que uma escritora após a outra devesse flores ao túmulo da sua precedente. Assim, ela volta à questão do aprendizado e da experiência, as mulheres poderiam aprender umas com as outras ao conhecerem as suas experiências de vida, e tendo mais experiência de vida elas teriam mais condições de escrever, como ela dirá a diante, teriam, assim, mais sobre o que escrever:

Teria sido algo a ver com nascer na classe média, perguntei-me, e com o fato, que Miss Emily Davies iria demonstrar tão extraordinariamente pouco mais tarde, de que a família de classe média do início do século XIX possuía apenas uma sala de estar para todos? Se uma mulher escrevesse, teria de

¹⁸ “[...] estamos olhando para o passado para construir essa ‘matrilineagem literária’, que era um dos objetivos de Woolf em *A Room of One’s Own*, recuperar a tradição literária feminina” (OLIVEIRA, 2011, p. 213).

escrever na sala de estar comum. E, como se queixaria tão veementemente Miss Nightingale – “As mulheres nunca dispõem de meia hora... que possam chamar de sua” -, ela era sempre interrompida. Mesmo assim, seria mais fácil escrever ali prosa e ficção do que escrever poesia ou uma peça. Exige-se menos concentração. Jane Austen escreveu assim até o fim de seus dias. [...] De mais a mais, toda a formação literária que uma mulher recebia no início do século XIX era concentrada na observação do caráter, na análise da emoção. Sua sensibilidade fora cultivada durante séculos pelas influências da sala de estar. [...] Se Jane Austen foi prejudicada em algum aspecto de sua situação, deve ter sido na estreiteza da vida que lhe foi imposta. Era impossível a uma mulher andar sozinha. Ela nunca viajou; nunca rodou por Londres num ônibus ou almoçou sozinha num restaurante (WOOLF, 1985, p.83-85).

Esta posição de Virginia Woolf quanta a possibilidade de transmitir ensinamento pela experiência alheia, esse projeto de construir uma tradição literária feminina, parece contradizer o diagnóstico de outro pensador seu contemporâneo, Walter Benjamin. Para Benjamin, após os horrores da Grande Guerra, a experiência, a tradição e o patrimônio, teriam perdido a capacidade de comunicar, contexto também que marca o surgimento da noção mais difundida da crise do historicismo:

Pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós? [...] Sim é preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade. Surge uma nova barbárie. Pois o que resulta para o bárbaro dessa pobreza de experiência? Ela o impele a partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco (BENJAMIN, 1987, p.115-116).

Mas, como as mulheres sempre foram “bárbaras”, como a cultura ocidental nunca se preocupou em se comunicar com elas, Woolf podia escrever, mesmo depois da guerra, defendendo o valor da experiência, porque seria uma nova experiência, seriam novos valores a serem transmitidos, pois, eles seriam criados a partir do presente, o presente olharia para o passado, em busca do que lhe fosse útil no presente. Para Benjamin esse cenário de pobreza de experiência era um reflexo do desejo dos homens de se libertarem de toda a experiência, de toda a história sufocante, conclusão que podemos pensar devido aos seus valores e tradições terem levado a uma sociedade capaz das atrocidades da Grande Guerra. Mas Woolf¹⁹ não via a mulher como construtora daqueles valores, como beneficiada com aquelas tradições, como sujeito

¹⁹ “quando se é mulher, frequentemente nos surpreendemos com uma súbita cisão da consciência, digamos, ao descer a pé a Whitehall quando, pelo fato de sermos a herdeira natural daquela civilização, ela se nos torna, ao contrário, estranha, alheia e crítica” (WOOLF, 1985, p.119).

naquele discurso historicista, assim, ainda confiava na experiência, pois, pensava nela como uma possibilidade de criar o novo, o diferente.

Como a teoria feminista demonstra Woolf, já percebia a questão do valor diferente que se dá aos temas reconhecidos como “tipicamente” masculinos ou femininos: “são os valores masculinos que prevalecem [...] Esse é um livro importante, pressupõe o crítico, porque lida com a guerra. Esse é um livro insignificante, pois lida com os sentimentos das mulheres numa sala de visitas” (WOOLF, 1985, p.91 - 92).

Que talento, que integridade devem ter sido necessários diante de toda aquela crítica, em meio àquela sociedade puramente patriarcal, para que elas se ativessem à coisa tal como a viam, sem se acovardarem. Apenas Jane Austen conseguiu, e Emily Brontë [...] “... As romancistas só devem aspirar à excelência reconhecendo corajosamente as limitações de seu sexo”. Isso resume o assunto, e quando eu lhes disser, para sua grande surpresa, que essa frase não foi escrita em agosto de 1828, mas em agosto de 1928, vocês concordarão, penso eu, em que, por mais divertido que isso nos pareça hoje, representa uma vasta massa de opinião – não pretendo remexer essas águas passadas; só aproveito aquilo que a sorte lança aos meus pés – que era muito mais vigorosa e muito mais sonora um século atrás. Seria preciso uma jovem muito resoluto, em 1828, para desconsiderar todas aquelas afrontas e repreensões e promessas de prêmios (WOOLF, 1985, p.93).

Contudo, nem só sob opressões discursivas viviam as mulheres, Woolf vai se dirigir também para a questão da não representatividade na tradição. E aqui é importante notar, que ela não via homens e mulheres como iguais, por isso, que uma tradição de autoria masculina não poderia se comunicar, servir como estímulo para uma escrita feminina. Mas isso não necessariamente era devido a uma diferença nata entre os sexos²⁰, mas sim, as condições sociais a que cada um estava sujeito, assim para Woolf, a experiência masculina não sendo igual à experiência feminina não tinha valor de aprendizado para as mulheres:

Mas, qualquer que tenha sido o efeito do desestímulo e da crítica em seus escritos – e creio que tiveram um efeito muito grande -, isso não tinha importância, comparado à outra dificuldade que elas enfrentavam (eu ainda estava considerando as romancistas do início do século XIX) quando chegavam a pôr os pensamentos no papel, isto é, não tinham o amparo de tradição alguma, ou uma tradição tão curta e parcial que era de pouca serventia. [...] De fato, uma vez que a liberdade e a plenitude de expressão são da essência da arte, essa falta de tradição, essa escassez e inadequação dos instrumentos devem ter afetado enormemente os escritos das mulheres. [...] todas as formas mais antigas de literatura estavam consolidadas e firmadas na época em que ela se tornou escritora. Apenas o romance era

²⁰ Ainda que ela tenha escrito: “peso, progresso e ritmo da mente do homem são diferentes”, contudo toda a análise que ela faz é para chegar à conclusão de que as diferenças eram fruto de condições sociais diferenciadas.

suficientemente novo para ser maleável em suas mãos – outra razão, talvez, por que ela escreveu romances. E, no entanto, quem pode afirmar que mesmo agora “o romance” (coloco-o entre aspas para assinalar meu sentimento à inadequação das palavras), quem pode dizer que até esta forma, que é mais maleável de todas, é corretamente moldada para ser usada pela mulher? Sem dúvida, iremos descobri-la dando-lhe forma para si mesma, quando puder usar seus membros livremente, proporcionando algum novo veículo, não necessariamente em verso, para a poesia que existe nela (WOOLF, 1985, p.94-96).

No capítulo cinco, Woolf vai voltar a analisar o presente, mostrando como a situação da escrita das mulheres agora era um pouco diferente, elas tinham começado a se apropriar de outros tipos de gêneros de escrita: “é certamente verdade que as mulheres já não escrevem apenas romances. Há os livros de Jane Harrison sobre arqueologia grega; os livros de Vernon Lee sobre estética; os livros de Gertrude Bell sobre a Pérsia.”²¹ (WOOLF, 1985, p.99). Ela retoma a questão da representação da mulher na literatura e ironiza o papel atribuído aos homens na vida das mulheres e o papel que eles de fato tinham na vida delas:

Era estranho pensar que todas as grandes mulheres da ficção, até a época de Jane Austen, eram não apenas vistas pelo outro sexo, como também vistas somente em relação ao outro sexo. E que parcela mínima da vida de uma mulher é isso! E que nadinha o homem conhece até mesmo dela, quando a observa através dos óculos escuros ou rosados que o sexo lhe coloca sobre o nariz! Daí, talvez, a natureza peculiar das mulheres na ficção, os extremos surpreendentes de sua beleza e horror, a alternância entre bondade celestial e depravação demoníaca – pois é assim que um amante a veria à medida que seu amor crescesse ou diminuísse, fosse próspero ou infeliz. Isso não se aplica tanto às romancistas do século XIX, é claro. A mulher torna-se ali muito mais versátil e complexa. (WOOLF, 1985, p.103)

Reforçando mais uma vez a necessidade de ampliação do campo de experiência das mulheres na vida social, Woolf dá mais um testemunho da condição das mulheres no seu presente. E, voltando para o passado, lamenta a perda da memória das mulheres que viveram e não tiveram suas memórias registradas, termina o capítulo deixando explícita a sua idéia de que elas deveriam ser recuperadas para a história:

Poucas mulheres, mesmo hoje, diplomaram-se em universidades; as grandes provações das profissões liberais, do exército e da marinha, do comércio, e da política e da diplomacia mal chegaram a testá-las. Elas permanecem, até este momento, quase sem classificação. [...] Pois todos os jantares foram preparados; os pratos e os copos, lavados; as crianças, mandadas para a

²¹ Todas essas autoras são estudadas por Bonnie Smith como historiadoras amadoras em *Gênero e História: Homens e Mulheres e a Prática Histórica*.

escola e mergulhadas no mundo. Nada resta de tudo isso. Tudo se evaporou. Nenhuma biografia ou história tem uma palavra a dizer acerca disso. E os romances, sem que o pretendam, mentem de maneira inevitável [...] Todas essas vidas infinitamente obscuras permanecem por registrar (WOOLF, 1985, p.106-111).

No último capítulo, Woolf entra na temática, talvez, mais problemática de seu ensaio. Ela vai delinear uma condição ideal de escrita para um artista, e essa condição ideal seria através de um “cérebro”, ou podemos pensar, uma sensibilidade que fosse andrógina²². O autor ideal escreveria como um ser que pudesse ter vivido uma experiência feminina e masculina, assim se comunicando com os dois sexos:

Em seu projeto sobre androginia, Woolf acreditava que o escritor deveria ter sua mente fertilizada pela criatividade feminina, pois sem as imposições patriarcais e sem as restrições econômicas e sociais a mulher poderia oferecer sua contribuição artística, social e cultural, da qual a própria sociedade patriarcal necessitava. À medida que a diferença entre os sexos diminui, a arte mostraria sinais de maior liberdade e, conseqüentemente, maior criatividade. Pois, a emancipação feminina proporcionaria uma sexualidade mais adequada e, também, uma imaginação mais apropriada marcada pela androginia (OLIVEIRA, 2012, p.209).

Para alguns estudos feministas, quando Woolf defende a androginia como um estado ideal isso enfraquece sua posição como defensora de direitos para as mulheres. Ainda que seja complicado estabelecer o que seria uma experiência andrógina (talvez não menos do que o que seja uma experiência feminina ou masculina), o que Woolf parece propor é que as mulheres pudessem de fato participar das mesmas atividades que os homens e os homens passassem a não se omitir das atividades ditas “femininas”. Assim, ambos estariam em um mesmo pé de experiências e poderiam transmiti-las uns aos outros:

E continuei *amadoristicamente* a esboçar uma planta da alma, de tal modo que, em cada um de nós, presidiriam dois sexos, um masculino e um feminino; e no cérebro do homem, o homem predominaria sobre a mulher, e, no cérebro da mulher, a mulher predominaria sobre o homem. O estado normal e adequado é aquele em que os dois convivem juntos em harmonia, cooperando espiritualmente (WOOLF, 1985, p.120).

Mas, Woolf constata que esse estado ideal estaria longe de ocorrer. Pois, o próprio movimento feminista teria deixado os homens ainda mais conscientes da sua

²²Conforme constatei na leitura de seu diário, Woolf escreveu este ensaio quando escrevia também o romance *Orlando*, na narrativa, um homem se torna mulher, e vemos o dilema de um mesmo ser experienciar a vida (as imposições sociais) como os dois sexos.

“masculinidade”, como uma forma de resposta defensiva ao ataque das feministas. E nessa constatação é difícil não perceber certo conservadorismo de Woolf. Ela acreditava na necessidade da mudança dos valores sociais, ela escreve para isso também, mas parece denunciar que as maneiras mais “violentas” do movimento feminista de lutar por isso não seriam as mais adequadas:

Nenhuma era jamais conseguirá ser tão ruidosamente consciente do sexo quando a nossa; esses incontáveis livros escritos por homens acerca de mulheres no Museu Britânico são prova disso. A campanha pelo sufrágio sem dúvida teve culpa. [...] O que, então, isso significa, se tal teoria dos dois lados da mente estiver correta, é que a virilidade tornou-se agora consciente de si mesma – os homens, em outras palavras, escrevem agora apenas com o lado masculino do cérebro. [...] E naquele estado de inquietação em que se fica a apanhar livros e repô-los sem olhar para eles, comecei a contemplar uma era ainda por vir de pura e auto-afirmadora virilidade, tal como as cartas dos mestres (tomemos as cartas de Walter Raleigh, por exemplo) pareciam pressagiar, e os governantes da Itália já fizeram nascer (WOOLF, 1985, p. 121-125)²³.

Woolf continua argumentando o que seria este estado da mente andrógina, mas não esquece de que fala para mulheres, e retoma o incentivo a que elas escrevessem com liberdade, uma liberdade que era até então masculina:

Algum casamento entre opostos precisa ser consumado. A totalidade da mente deve estar escancarada, se quisermos ter o sentimento de que o escritor está comunicando sua experiência com perfeita integridade. É preciso haver liberdade e é preciso haver paz. [...] A medida que amadurecem, as pessoas deixam de crer em lados ou em Diretores ou em vasos altamente ornamentais [...] Pois não são as resenhas da literatura atual uma ilustração perpétua da dificuldade de julgamento? “Este grande livro”, “este livro sem valor” – o mesmo livro é chamado de ambas as formas. Tanto o louvor como a censura nada significam. Desde que vocês escrevam o que desejarem escrever, isso é tudo o que importa; e se vai importar por séculos ou apenas horas, ninguém pode dizer (WOOLF, 1985, p. 127- 129).

Ela vai finalizar o ensaio, antecipando as críticas que poderia sofrer pelos seus argumentos defendidos, o principal deles seria a acusação de que as condições materiais não deveriam interferir no “talento” de uma autora. A essa idéia romântica de literatura, Woolf responde com uma análise social do impacto das condições de vida no trabalho artístico:

Mesmo concedendo uma generosa margem ao simbolismo, no sentido de que quinhentas libras por ano representam o poder de contemplar, e de que a fechadura da porta significa o poder de pensar por si mesma, vocês ainda poderão dizer que a mente deve elevar-se acima dessas coisas; e que os

²³ Essa linha argumentativa de Woolf é perigosa porque poderia levar a conclusão que o movimento feminista teve alguma culpa na ascensão do nazifascismo.

grandes poetas foram frequentemente homens pobres. [...] É certo – por mais desonroso que seja para nós como nação – que, por alguma falha de nossa comunidade, o poeta pobre não tem hoje em dia, nem teve nos últimos duzentos anos, a mínima chance. Creiam-me – e passei uns bons dez anos observando umas trezentas e vinte escolas primárias -, podemos tagarelar sobre a democracia, mas, na verdade, uma criança pobre na Inglaterra tem pouco mais esperança do que tinha o filho de um escravo ateniense de emancipar-se até a liberdade intelectual de que nascem os grandes textos. [...] É isso aí. A liberdade intelectual depende de coisas materiais. A poesia depende da liberdade intelectual. E as mulheres sempre foram pobres, não apenas nos últimos duzentos anos, mas desde o começo dos tempos. [...] Entretanto, graças ao trabalho árduo dessas mulheres obscuras no passado, sobre quem eu gostaria que conhecêssemos mais, graças, curiosamente, a duas guerras – a da Criméia, que permitiu a Florence Nightingale sair de sua sala de estar, e a guerra européia, que abriu as portas à mulher comum cerca de sessenta anos depois -, esses males estão em vias de ser minorados. Caso contrário, vocês não estariam aqui esta noite, e a probabilidade de ganharem quinhentas libras por ano, por precária que temo ser ainda, seria extremamente diminuta (WOOLF, 1985, p.130-132).

Ela retoma, novamente, à importância da experiência, desejando que as mulheres possam viver mais ativamente e que escrevam sobre isso, que transmitam a sua experiência, tanto na ficção como em outros gêneros, como a história. Pois, todos os gêneros acabariam por alimentar também a ficção de uma experiência feminina:

peço-lhes que escrevam todo tipo de livros, não hesitando diante de nenhum assunto, por mais banal ou mais vasto que seja. Por bem ou por mal, espero que vocês se apoderem de dinheiro bastante para as viagens e o lazer, para contemplar o futuro ou o passado do mundo, para sonhar com livros e vagar pelas esquinas e mergulhar a linha do pensamento fundo na corrente. Pois de modo algum as restrinjo à ficção. Se quiserem agradar-me – e há milhares de eu -, podem escrever livros sobre viagens e aventuras, sobre pesquisas e estudos, história e geografia, crítica e filosofia e ciência. Assim fazendo, certamente beneficiarão a arte da ficção. Pois os livros têm um jeito de se influenciar mutuamente. [...] Portanto, quando lhes peço que escrevam mais livros, insisto em que façam algo que será para seu bem e para o bem do mundo em geral. Como justificar esse instinto ou crença, eu não sei, pois as palavras filosóficas, quando não se foi educada numa universidade, são propensas a trair-nos. O que se pretende dizer com “realidade”? (WOOLF, 1985, p.133).

Ao procurar incentivar as mulheres na tarefa da escrita de uma nova tradição, a partir de novas experiências e do resgate das memórias esquecidas, Woolf testemunha o caráter recente das novas possibilidades de vida para as mulheres, e de forma irônica, acentua o quanto elas ainda eram restritas a poucas mulheres:

Como posso incentivá-las mais a empreenderem a tarefa de viver? Minhas jovens, diria eu, e tenham a bondade de prestar atenção, pois a peroração está começando, vocês são, a meu ver, vergonhosamente ignorantes. Nunca fizeram uma descoberta de alguma importância. Nunca sacudiram um

império ou levaram um exército à batalha. As peças de Shakespeare não são de sua autoria, e vocês nunca apresentaram uma raça de bárbaros às bênçãos da civilização. [...] Geramos e alimentamos e lavamos e instruímos, talvez até os seis ou sete anos de idade, o bilhão e seiscentos e vinte e três milhões de seres humanos que, segundo as estatísticas, existem atualmente, e isso mesmo admitindo que algumas de nós tenhamos tido ajuda, leva tempo. [...] Mas, ao mesmo tempo, permitam-me lembrar-lhes que existem pelo menos duas faculdades para mulheres na Inglaterra desde 1866; que, a partir de 1880, a mulher casada foi autorizada, por lei, a possuir sua própria propriedade; e que em 1919 – e já se vão aí nove anos inteiros! – ela obteve o direto de voto. Será que posso também lembrar-lhes que a maioria das profissões está aberta a vocês há quase dez anos? Quando refletirem sobre esses imensos privilégios, a extensão de tempo em que eles vêm sendo desfrutados e o fato de que deve haver, neste momento, umas duas mil mulheres capazes de ganhar mais de quinhentas libras por ano de um modo ou de outro, vocês não de concordar em que a desculpa da falta de oportunidade, formação, incentivo, lazer e dinheiro já não se aplica. Além disso, os economistas têm-nos dito que a sra. Seton teve filhos demais. Vocês devem, é claro, continuar a ter filhos, mas, como dizem eles aos dois e aos três, e não às dezenas e às dúzias (WOOLF, 1985, p. 136 - 137).

Concluindo sua análise do presente, Woolf termina o ensaio projetando o futuro, não como um simples progresso como defendido pelo discurso histórico do período, mas como uma construção através da luta árdua, e que só poderia ser diferente do presente se o passado fosse conhecido e superado. Ela convoca as mulheres a serem sujeitas da história presente, participantes na construção de um futuro para as mulheres que viriam:

Milhares de penas estão prontas para sugerir-lhes o que devem fazer e que efeito terão. Minha própria sugestão é um pouco fantástica, admito; prefiro, portanto, colocá-la em forma de ficção. [...] Pois bem, minha crença é de que essa poetisa que nunca escreveu uma palavra e foi enterrada na encruzilhada ainda vive. Ela vive em vocês e em mim, e em muitas outras mulheres que não estão aqui esta noite, porque estão lavando a louça e pondo os filhos pra dormir. [...] Pois minha crença é de que, se vivermos aproximadamente mais um século – e estou falando na vida comum que é a vida real, não nas vidinhas à parte que vivemos individualmente – e tivermos, cada uma, quinhentas libras por ano e o próprio quarto; se tivermos o hábito da liberdade e a coragem de escrever exatamente o que pensamos; se fugirmos um pouco da sala de estar e virmos os seres humanos nem sempre em relação uns com os outros, mas em relação à realidade, e também o céu e as árvores, ou o que quer que seja, como são; se olharmos mais além do espectro de Milton, pois nenhum ser humano deve tapar o horizonte; se encararmos o fato, porque é um fato, de que não há nenhum braço onde nos apoiarmos, mas que seguimos sozinhas e que nossa relação é para com o mundo da realidade e não apenas para com o mundo dos homens e das mulheres, então a oportunidade surgirá, e a poetisa morta que foi a irmã de Shakespeare assumirá o corpo que com tanta freqüência deitou por terra (WOOLF, 1985, p.138).

Considerações Finais

Ao falar sobre a história e ao “imaginar” como teria sido o passado das mulheres, e também, ao testemunhar o seu presente, relatando as novas possibilidades para as mulheres, e estabelecendo as continuidades das limitações impostas no passado, Woolf escreve história. Pois, nos deixou um documento sobre a experiência das mulheres com o tempo, dentro do recorte que ela se propôs, as mulheres inglesas que escreveram ou que não puderam escrever desde o século 16. Entendo que essa história tinha como objetivo fornecer um “passado prático” às mulheres, e, portanto, é um discurso sobre o passado que não nega seu caráter ficcional, uma história que se opunha ao discurso histórico de sua época, definido por White como:

O passado histórico é uma construção de ordem teórica, que existe somente nos livros e nos artigos dos historiadores profissionais: está construído como um fim em si mesmo, possui pouco ou nenhum valor para entender ou explicar o presente e não promove nenhum guia para atuar no presente ou prever o futuro (WHITE, p.25, 2012).

A leitura de Virginia Woolf da história que ela faz em *Um teto todo seu*, aproxima-se dessa conclusão de Hayden White sobre o discurso histórico dos historiadores profissionais. Assim, Woolf procurou produzir um conhecimento sobre o passado que tivesse utilidade para as mulheres no presente, e para tanto, ela não se prende a uma verdade a qual fosse necessária prova documental que as legitimasse. Ela não possuía os documentos, ela possuía o silêncio das narrativas históricas, procura, portanto, preencher essas “lacunas” com a sua imaginação e interpretação crítica, o que ela almeja é um ponto de referência, um entendimento dos fatores que limitaram a atuação das mulheres no passado.

Acredito que ela realizou com sua escrita um projeto de demonstrar para as mulheres que vencidos os fatores históricos que as tinham limitado, elas não teriam porque temer nenhuma incapacidade inerente ao fato de serem mulheres. Ou seja, ela usou o passado com um fim prático no presente, como uma forma de legitimar as mulheres como sujeitos históricos e capazes de construir o seu próprio futuro.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, v.1, 3º Ed., 1987.

BRANDÃO, Izabel. *Virgínia Woolf e o ensaio sob o olhar feminista*. In: *Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Elo, 1999 p. 227-236

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense – Universitaria, 1982

DUBY, Georges; PERROT, Michelle (org.). *O século XX*. In: *História das mulheres no ocidente*. Porto: Afrontamento, v.5, 1995

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ELIOT, T.S. *Ensaio*. São Paulo: Art Editora, 1989.

GOMES, Gisele Ambrósio. *História, Mulher e Gênero*. In: <http://www.ufjf.br/virtu/files/2011/09/HIST%C3%93RIA-MULHER-E-G%C3%8ANERO.pdf> (acessado em: 28/05/2016)

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, 267 p.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.

KELLEY, Donald R. *Frontiers of history: historical inquiry in the twentieth century*. USA: Yale University, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. 366 p.

KOSELLECK, Reinhart. *O Conceito de História*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. *Carolina de Jesus e Virginia Woolf: em busca de um outro teto para todos nós*. XII Congresso Internacional da ABRALIC Centro, Centros – Ética, Estética. UFPR – Curitiba, 2011.

NICOLAZZI, Fernando Felizardo. *O conceito de experiência histórica e a narrativa historiográfica* [manuscrito]. 2004

NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

OCAMPO, Victoria. *Virginia Woolf em sudiario*. Buenos Aires: Sur, 1954.

OLIVA, Juliana. *A questão “O que é uma mulher?” e seus fantasmas nas reflexões de Virginia Woolf e Simone de Beauvoir*. Anais do Seminário dos Estudantes da Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar, 2013.

OLIVEIRA, Maria Aparecida de. Three Guineas e a crítica literária feminista: revisão e releitura. *Estação Literária: Londrina*, v. 9, p. 204-219, jun. 2012

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Prefácio*. In: *Ensaístas Ingleses*. São Paulo: W.M. Jackson, 1950

REAAUX, Sigrid. *O feminismo de Virginia Woolf em A room of one's own*. In: *Revista letras*. Curitiba n. 29 (1980), p. 137-169

SCHIMIDT, Rita Terezinha. *Recortes de uma história: a construção de um fazer/saber*. In: *Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Elo, 1999. P.23-40

SCHIMIDT, Rita Terezinha. *O ficcional e o político: a história como auto invenção*. In: *Construções literárias e discursivas da modernidade*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008. p. 47-66

SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. In: *Educação & realidade*. Porto Alegre Vol. 15, n. 2 (jul./dez. 1990), p. 5-22

SCOTT, Joan Wallach. *História das mulheres*. In: *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1992. P.63-95

SCOTT, Joan Wallach. *Releer la historia del feminismo*. In: *Las mujeres y los derechos del hombre*. México: Siglo XXI, 2012.

SILVA, Leonardo de Jesus. *Historiografia inglesa em revista: a English Historical Review e a história pensada no século XIX*. Goiânia: UFG, 2013.

SMITH, Bonnie G. *Gênero e história: homens, mulheres e a prática histórica*. São Paulo: Edusc, 2003.

QUEIROZ, Ver. *O olhar das mulheres*. In: *Travessia: revista de literatura brasileira*. Florianópolis, n.25 (1992), p.40-50

WHITE, Hayden. *El pasado práctico*. In: LAVAGNINO, Nicolas & TOZZI, Veronica (org.). *Hayden White, la escritura del pasado y el futuro de la historiografía*. Buenos Aires: Eduntref, 2012.

WHITE, Hayden V. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Edusp, 1994. 310 p.

WOOLF, Virginia. *Diário de uma escritora*. Buenos Aires: Sur, 1954

WOOLF, Virginia. *Diário: primeiro volume 1915-1926*. Lisboa: Bertrand, 1985.

WOOLF, Virginia. *Orlando*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

WOOLF, Virginia. *The diary of Virginia Woolf*. New York: Penguin Books, 1981-1988.